

Universidade Federal de São Carlos - UFSCar
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH
Programa de Pós-Graduação Em Psicologia - PPGPsi

AMANDA REIS RIBEIRO

**INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA POR
PARCEIROS ÍNTIMOS**

São Carlos – SP

Agosto, 2021

Universidade Federal de São Carlos – UFSCar
Centro de Educação e Ciências Humanas - CECH
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPsi

AMANDA REIS RIBEIRO

**INTELIGÊNCIA EMOCIONAL EM VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA POR
PARCEIROS ÍNTIMOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Psicologia do Centro de Educação e Ciências
Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como
parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em
Psicologia.

Área de Concentração:

Comportamento social e processos cognitivos

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Monalisa Muniz

Agosto, 2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Amanda Reis Ribeiro, realizada em 27/08/2021.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Monalisa Muniz Nascimento (UFSCar)

Profa. Dra. Sabrina Mazo D'Affonseca (UFSCar)

Prof. Dr. José Maurício Haas Bueno (UFPE)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus por me conceder a oportunidade de poder estudar em uma excelente universidade e me cercar de pessoas maravilhosas que são como anjos, não só nesses anos de mestrado, mas por toda a vida. Agradeço por me conceder inteligência, paciência e dedicação para realizar esse trabalho, e principalmente pela minha saúde para atravessar esse período de Pandemia e ainda conquistar muitos feitos, como essa pesquisa. Agradeço também à Nossa Senhora Aparecida, que esteve intercedendo por mim durante essa conquista, assim como esteve por toda minha vida.

Sou eternamente grata aos meus pais, Marcos e Adriana, que jamais faltaram em oferecer todo tipo de suporte para que eu pudesse me desenvolver como pessoa e como profissional. Todos os privilégios que Deus me concedeu foram intermediados por vocês e eu não seria nada do que sou sem seu apoio e amor incondicionais.

Agradeço ao Bruno, meu companheiro e melhor amigo, que esteve comigo durante todos os dias ao longo desses anos de mestrado e jamais me permitiu vacilar. Obrigada por me acolher quando eu mais precisava. Obrigada por me colocar na sua família quando eu estava longe da minha (e aqui eu agradeço também aos seus pais). Obrigada pelo colo, pelas risadas, por me colocar de volta nos trilhos e pela companhia nesse processo. Com certeza você deixou tudo mais fácil de levar.

Agradeço ao apoio e carinho infinitos dos meus irmãos, Aline e Mateus, que são fontes de inspiração desde sempre. Agradeço também ao meu afilhado Guilherme, que ainda nem nasceu e já me motiva a ser uma pessoa melhor, para que eu possa contribuir pelo menos um pouquinho para o mundo que ele vai encontrar aqui fora.

Agradeço imensamente a minha orientadora Prof. Dra. Monalisa Muniz pela paciência, pela dedicação, pelo carinho, pela compreensão e pela orientação. Isso tudo

não seria possível se não fosse você quem estivesse me guiando, ainda mais nesse período turbulento para o mundo. Obrigada por me acolher e me orientar nessa conquista.

Sou grata as minhas amigas, as Chinelas. Passar por isso com vocês tornou tudo mais tranquilo. Obrigada por cada dica, cada acolhimento e todo amor compartilhado, mesmo distantes.

Agradeço também a Prof. Dra. Sabrina Mazzo e ao Prof. Fabiano Koich Miguel, que compuseram a banca de qualificação. Suas contribuições foram fundamentais para o melhor desenvolvimento desse trabalho.

Agradeço ao Prof. Maurício Haas Bueno, que juntamente da Prof. Dra. Sabrina Mazzo, aceitaram compor a banca de defesa desse trabalho. Agradeço aos Profs. Dra. Karina Oliveira, Dra. Aline Siqueira e Dr. Alex Pessoa por aceitarem serem membros suplentes.

Isso tudo não seria possível sem as 100 mulheres que aceitaram me ajudar nessa pesquisa, se voluntariando como participantes. Agradeço pelo tempo e pelo suporte. É gratificante ter ouvido sobre suas experiências e ter a oportunidade de aprender mais sobre nós, mulheres, através delas.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

RESUMO.....	01
ABSTRACT	03
INTRODUÇÃO	05
a. Violência por parceiro íntimo: realidade problemática	05
b. Inteligência emocional	10
c. Inteligência emocional e violência por parceiros íntimos	17
OBJETIVOS	30
a. Objetivo geral e objetivos específicos	31
MÉTODO	32
a. Participantes	32
b. Instrumentos	32
c. Procedimentos	36
ANÁLISE DE DADOS	37
RESULTADOS	40
a. Objetivo 1: Comparar os resultados do perfil de inteligência emocional obtidos por métodos diferentes de avaliação (desempenho e autorrelato)	41
b. Objetivo 2: Correlações entre IE e VPI	45
c. Objetivos 3 e 4: Inteligência emocional e agressão psicológica.....	50
d. Objetivo 5: Estratégias de negociação x violentas por parte dos parceiros e inteligência emocional das participantes	57
DISCUSSÃO.....	59
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	70
ANEXOS	83

Anexo A – Panfleto de informações para as participantes	83
---	----

Ribeiro, A. (2021). *Inteligência emocional em vítimas de violência por parceiros íntimos*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós- Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 76pp.

RESUMO

Com a conscientização e conseqüente aumento de denúncias, sabe-se que a violência por parceiros íntimos (VPI) ainda é realidade para muitas pessoas, principalmente para mulheres, as principais vítimas desse fenômeno. Muitos estudos relatam os efeitos danosos causados pela violência. Além dos possíveis danos físicos, a violência afeta diretamente na forma em que essas vítimas agem diante o contexto abusivo, por exemplo lidando com as suas emoções. A percepção, o uso, a compreensão e a regulação das emoções são aspectos estudados pela teoria da inteligência emocional. Diante disso, pode-se questionar a forma como a inteligência emocional se apresenta nas mulheres submetidas ao contexto de violência. Considerando a importância e a falta de estudos referentes a essa temática no Brasil, o objetivo desse estudo foi investigar aspectos da inteligência emocional em mulheres que relatam terem sido vitimadas por qualquer tipo de violência por parceiro íntimo, bem como em mulheres que relatam terem praticado alguma forma de violência contra seus parceiros íntimos. Para isso, em uma amostra de 100 mulheres, com idade média de 28,19 anos (DP= 10,3), verificou-se comportamentos de VPI (praticados e sofridos) que foram analisados em conjunto dos resultados do perfil de inteligência emocional obtidos por métodos diferentes de avaliação (desempenho e autorrelato). Os instrumentos utilizados foram o *Conflict Tactics Scale (CTS2)*, para verificar violências em relações entre parceiros íntimos, bem como instrumentos de avaliação da inteligência emocional, a *Bateria de Avaliação da Inteligência Emocional - BIE* (mensuração por desempenho) e o *Inventário de Competências Emocionais - ICE 3.0*

(mensuração por autorrelato). Os resultados sugerem que houve um padrão de maior frequência e maior gravidade de atitudes violentas praticadas contra as mulheres, apesar de mais participantes terem relatado ter praticado VPI do que sofrido. Quanto ao perfil de inteligência emocional, os dados obtidos pela BIE e pelo ICE demonstram uma conformidade das médias da amostra em relação a outros estudos que aplicaram esses testes em outras amostras. Além disso, o estudo detectou que as facetas referentes à *Regulação Emocional* foram conceituadas de forma semelhante nos testes de autorrelato e de desempenho, contrariando estudos da área que demonstram resultados diferentes entre o formato de teste de IE por desempenho e o por autorrelato. Os dados encontrados também indicam uma importante associação negativa das habilidades de IE, especificamente as relacionadas a *Compreensão e Regulação Emocional*, com a prática e com a vitimização de violência por parceiro íntimo, especialmente com a agressão psicológica. Essas constatações são encontradas tanto nas análises de correlação quanto em testes de diferenças de média entre grupos de participantes. Em contramão a isso, os resultados de correlação sugerem que a *Regulação Emocional* (com cálculo de consenso) também está associada positivamente a práticas violentas por parte do parceiro das participantes. Porém, a *Regulação Emocional* (geral, sem o cálculo de consenso, bem como o segundo fator da faceta) também apareceu associada com maior uso de táticas de negociação por parte dos parceiros das participantes em testes de diferenças de média entre participantes. Salvo suas limitações, a presente pesquisa pretende contribuir, através desses achados, para a discussão e compreensão tanto do construto da inteligência emocional quanto da violência por parceiros íntimos no Brasil, sendo uma pesquisa pioneira no País.

Palavras-chave: Inteligência emocional, violência por parceiro íntimo, violência contra mulheres, avaliação psicológica.

ABSTRACT

With the awareness and consequent increase in complaints, it is known that violence by intimate partners (IPV) is still a reality for many people, especially women, the main victims of this phenomenon. Many studies report the harmful effects caused by violence. In addition to possible physical damage, violence directly affects the way these victims act in the abusive context, for example, dealing with their emotions. The perception, use, understanding and regulation of emotions are aspects studied by the theory of emotional intelligence. Therefore, one can question the way emotional intelligence is presented in women that live in a violent context. Considering the importance and lack of studies on this topic in Brazil, the aim of this study was to investigate aspects of emotional intelligence in women who report having been victimized by any type of violence by an intimate partner, as well as in women who report having practiced some form of violence against their intimate partners. For this, in a sample of 100 women, with a mean age of 28.19 years ($SD = 10.3$), IPV behaviors (practiced and suffered) were verified, then were analyzed with the results of the emotional intelligence profile obtained. by different evaluation methods (performance and self-report). The instruments used were the *Conflict Tactics Scale (CTS2)*, to verify violence in intimate partner relationships, as well as emotional intelligence assessment instruments, the *Emotional Intelligence Assessment Battery - BIE* (performance measurement) and the *Emotional Skills Inventory - ICE 3.0* (measurement by self-report). The results suggest that there was a pattern of greater frequency and greater severity of violent attitudes practiced against women, although more participants reported having practiced IPV than suffered. As for the emotional intelligence profile, the data obtained by the BIE and by the ICE demonstrate a conformity of the sample means in relation to other studies that applied these tests in other samples. In addition, the study found that the facets related to *Emotional Regulation* were similarly

conceptualized in self-report and performance tests, contradicting studies in the field that demonstrate different results between the performance EI test format and the self-report format. The data found also indicate an important negative association of EI skills, specifically those related to *Emotional Understanding* and *Regulation*, with the practice and victimization of intimate partner violence, especially with psychological aggression. These findings are found in both correlation analyzes and tests of mean differences between groups of participants. Contrary to this, the correlation results suggest that *Emotional Regulation* is also positively associated with violent practices, when the analyzes are performed considering the consensus calculation. However, *Emotional Regulation* (general, without the consensus calculation, as well as the second factor of the facet) was also associated with greater use of negotiation tactics by participants' partners in tests of mean differences between participants. Except for its limitations, this research intends to contribute, through these findings, to the discussion and understanding of both the emotional intelligence construct and intimate partner violence in Brazil, being a pioneering research in the country.

Keywords: Emotional intelligence, intimate partner violence, violence against women, psychological assessment.

INTRODUÇÃO

a. **Violência por parceiro íntimo: realidade problemática**

A violência, de acordo com um relatório divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2002, é definida como "o uso intencional da força física ou do poder, real ou ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra um grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação" (Fonseca, Ribeiro & Leal, 2012, p. 307- 308). Ou seja, a violência pode ser dividida em três categorias: a violência auto infligida, a violência interpessoal e a violência coletiva. Dentro da violência interpessoal, existe a violência por parceiros íntimos (VPI). Esta foi elucidada pela OMS em 2016 como um conjunto de comportamentos que exercem um dano físico, psicológico ou sexual a uma das partes ou à convivência conjugal (estabelecida formal ou informalmente) (Echeverría, 2018).

Considerando as estatísticas, o tema da violência por parceiro íntimo acaba sendo associado ao tema da violência contra a mulher. Estudo realizado pela OMS em 2010 mostrou que a prevalência de VPI praticada contra mulheres é elevada em vários países, sendo que as médias mundiais variam entre 29% e 62%. Dados do *National Intimate Partner and Sexual Violence Survey* (2018) dos EUA mostram que 1 em cada 5 mulheres, no país, foram vítimas de estupro ou tentativa de estupro em algum momento na vida, enquanto um em cada dez homens sofreram algum contato sexual forçado pela parceira. Além disso, uma em cada três mulheres relataram ter sofrido violência física pelo parceiro íntimo, sendo que 21,4% afirmam ter sofrido alguma forma de violência grave, enquanto um em cada três homens relatou ter sofrido alguma forma de violência física pela parceira, porém com menor proporção de violências físicas graves (14,9%).

Em capitais brasileiras, a prevalência de VPI foi cerca de 21,5% contra mulheres e 12,9% contra homens (Silva & Azeredo, 2019). Por exemplo, Lindner et. al (2015) observaram em Florianópolis prevalências semelhantes de violências físicas contra homens (16,1%) e mulheres (17,5%), não existindo diferença significativa nas prevalências de violência moderada, porém, contra mulheres, observou-se maiores prevalências de violências graves. Segundo um levantamento realizado pelo Ministério da Saúde em 2018, numa amostra de 221.090 casos de violência interpessoal, 78.393 foram casos de VPI e 91,5% destes foram praticados contra mulheres (Ministério da Saúde, 2020).

Segundo o Instituto Maria da Penha, a cada dois segundos no Brasil uma mulher é vítima de violência física ou verbal e a cada 16,6 segundos uma mulher é ameaçada com faca ou arma de fogo, no âmbito doméstico. De acordo com o balanço do Ligue 180 (Central de atendimento à mulher em situação de violência do Governo Federal) realizado em 2017, foram feitas 1.170.580 ligações nesse ano, sendo elas 86,16% pedidos de informação, 7,05% de relatos de violência e 6,29% de denúncias (Instituto Patrícia Galvão, 2018). Em 2019, a central do Ligue 180 passou a aplicar o Formulário de Avaliação de Risco em Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (Frida). Este formulário constatou, nesse mesmo ano, 48,6% de denúncias de violência de grau médio, 34% de grau elevado, 16,2% de grau baixo, e em 1,1% o risco não foi informado.

Além disso, segundo o Atlas da Violência (2020), em 2018, 4.519 mulheres foram assassinadas no Brasil, o que representa uma taxa de 4,3 homicídios para cada 100 mil habitantes do sexo feminino e uma média de uma mulher assassinada a cada duas horas. Esse relatório ressaltou que, embora 2018 tenha apresentado uma tendência de redução da violência letal contra as mulheres na comparação com os anos mais recentes, ao se observar os últimos dez anos anteriores, é possível verificar um incremento nas

taxas de homicídios de mulheres no Brasil e em diversos estados: entre 2008 e 2018, o Brasil teve um aumento de 4,2% nos assassinatos de mulheres. Em alguns estados, a taxa de homicídios em 2018 mais do que dobrou em relação a 2008.

Devido a essa realidade, a Lei 11.340 – conhecida como Lei Maria da Penha – foi promulgada em agosto de 2006, alterando o Código Penal possibilitando que agressores de mulheres em âmbito doméstico ou familiar sejam presos em flagrante ou tenham prisão preventiva decretada. Além disso, a lei cria medidas protetivas para que o agressor seja afastado da vítima e para que esta tenha seus direitos e integridade garantidos (Lei 11.340, 2006). Ademais, em março de 2015 foi sancionada a Lei 13.104, a Lei do Feminicídio, alterando o Código Penal de forma que o assassinato de mulheres por motivações de gênero passasse a ser considerado como uma modalidade de homicídio qualificado, sendo inserido no rol de crimes hediondos (Lei 13.104, 2015).

A violência, de acordo com Garcia et al. (2008), pode ser expressa de algumas formas. A mais evidente é a violência física, caracterizada como o dano ou a tentativa de provocá-la por meio da força física, como tapas, socos, chutes, empurrões, estrangulamentos etc. A coerção sexual consiste em qualquer ato libidinoso praticado à força ou por intimidação, sem consentimento ou que cause desconforto ou constrangimento, bem como a limitação dos direitos sexuais e reprodutivos da vítima. Há também a agressão psicológica, muitas vezes despercebida, caracterizada por atos que causem danos emocionais, diminuam a autoestima e perturbem o desenvolvimento da pessoa vitimizada, tais como humilhação, controle, vigilância, isolamento, ridicularização, xingamentos, perseguição, ameaça, entre outros.

Para a Psicologia, é importante contextualizar a violência entre parceiros íntimos de forma social e individual para compreender melhor como esse fenômeno afeta e é afetado pela realidade de cada um. Bronfenbrenner (1917-2005) postulou no final dos

anos 1970 a Teoria Bioecológica para explicar os fenômenos envolvidos no desenvolvimento humano. O autor afirma que, para compreender o desenvolvimento de um indivíduo, deve-se considerar todo o sistema bioecológico que o envolve enquanto ele se desenvolve. Esse sistema é composto por quatro componentes: processo, pessoa, contexto e tempo (Bronfenbrenner, 2005; Benetti, 2013). O processo refere-se às interações do sujeito com as pessoas, objetos e símbolos presentes no seu ambiente; e é através dessas interações que o indivíduo é capaz de dar sentido ao mundo e então transformá-lo. O componente “pessoa” remete aos fatores genéticos, biológicos e recursos comportamentais, cognitivos e emocionais individuais. Já o contexto diz respeito a qualquer evento ou condição que ocorre fora do organismo e pode ser afetado pela pessoa em questão, indo desde a escola, ambiente de trabalho e família até os valores e costumes sociais, bem como sistemas sociais, econômicos e políticos vigentes. Por fim, o fator “tempo” fala justamente da dimensão temporal que afeta os demais componentes (Bronfenbrenner, 1993, 2003; Benetti, 2013).

Considerando o fenômeno da violência e a Teoria Bioecológica, pode-se questionar como a exposição a um ambiente repleto por relações e símbolos violentos ao longo da história de vida pode afetar o desenvolvimento de alguém; assim como a maneira que os cenários social, político e econômico podem contribuir para a violência. De fato, Gover (2006), Manita (2005) e Nunes (2010) são alguns autores que encontram indícios de que pessoas com um histórico prévio de violência no núcleo familiar na infância possuem maior probabilidade de se tornarem vítimas ou agressoras na vida adulta. Uma outra evidência que corrobora a influência desses fatores externos para o fenômeno da violência é o contexto da Pandemia de COVID-19, no qual houve um aumento de denúncias de violência contra a mulher no ambiente doméstico. De acordo com o levantamento do Disque 100 e Ligue 180, houve mais de 105 mil denúncias do tipo no

Brasil em 2020 (Martello, 2021). Uma pesquisa feita pela Confederação Nacional dos Municípios, esse aumento ocorreu em 20% das cidades brasileiras (Valente & Rodrigues, 2021). Vale ressaltar que, devido as medidas de restrição implantadas na pandemia e consequente dificuldade em acessar as redes de proteção e canais de denúncia, esses números são subnotificados (Maciel, 2021; Ferrero, 2020). Além do fato de as vítimas serem obrigadas a passar mais tempo em casa com seus agressores no período de *lockdown*, o estresse ocasionado pela crise econômica agravada pela pandemia foi um fator relevante para o aumento de casos de violência, segundo dados preliminares de uma pesquisa em andamento (citada em Ferreira, 2021). Compreender todas essas relações é importante para psicólogos uma vez que também cabe a estes profissionais a atuação – tanto na prevenção quanto na intervenção posterior – da violência.

Ilustrando a relação da violência com a Psicologia, Williams (2008) aponta na cartilha do Projeto Parceria os efeitos danosos dessas práticas violentas contra a mulher. Além dos possíveis danos físicos, como fraturas, hemorragias, hematomas, entre outros, a vitimização deixa sérias marcas na saúde mental. As principais consequências são alterações no sono e no apetite, vergonha, isolamento, medo, abuso de substâncias, altos níveis de depressão e ansiedade, bem como ideação suicida.

Um trabalho realizado por Casanueva, Martin e Runyan (2009) mostrou que 46% das mães da amostra estudada que sofreram violência por parceiro íntimo apresentavam sintomas depressivos e 44% das mães reportadas por abuso infantil foram vítimas de violência por seus parceiros. Nesse último caso, o abuso aos filhos está associado ao acúmulo de estresse causado pela sobrecarga de tarefas e responsabilidades, bem como pela violência pela qual essas mulheres passam (Williams et al., 2014). Ou seja, além das sequelas emocionais, a vitimização promove também uma perpetuação do ciclo de violência. Uma revisão sistemática sobre VPI na população idosa (Warmling et al., 2017)

constatou entre os fatores associados a esse tipo de violência: abuso de álcool, uso de tabaco, calmantes e outras substâncias, ansiedade, estresse, depressão, distúrbios no sono e na alimentação e comprometimento funcional.

Diante dessas consequências emocionais e psicológicas apontadas, é possível constatar que a violência entre parceiros afeta diretamente na forma em que as pessoas envolvidas agem diante o contexto abusivo, podendo atingir a forma como estas lidam com emoções e com outras pessoas, por exemplo. Assim sendo, percebe-se a necessidade de entender melhor como se dá o funcionamento da inteligência emocional (IE) nessas mulheres envolvidas em contextos de VPI, de modo a compreender como a violência pode afetar essa dimensão e planejar intervenções terapêuticas focadas nesse aspecto.

b. Inteligência emocional

Antes de aprofundar na questão da Inteligência Emocional, é preciso entender o que são as emoções e como elas afetam as ações humanas, tais como os comportamentos violentos. Miguel (2015) afirma que emoção poderia ser definida como “uma condição complexa e momentânea que surge em experiências de caráter afetivo, provocando alterações em várias áreas do funcionamento psicológico e fisiológico, preparando o indivíduo para a ação” (p. 153), sugerindo um modelo integrativo para explicar as emoções, entendendo que não se trata apenas de uma única reação, mas de um processo com variáveis fisiológicas, afetivas, cognitivas e comportamentais.

O modelo integrativo proposto por Miguel (2015) sugere que, após determinado evento percebido, seguem-se cognições conscientes ou inconscientes, que atribuem um valor ao acontecimento. Essa interpretação, que provém das experiências individuais e sociais internalizadas, por sua vez pode levar a reações afetivas subjetivas (sentimentos), mudanças fisiológicas (e.g. aceleração do batimento cardíaco, alteração da respiração,

dilatação das pupilas) e diversas reações comportamentais (e.g. alterações de postura, expressões faciais, movimentos). Segundo esse modelo, também pode ocorrer o fenômeno de retroalimentação, em que as próprias reações podem ser o evento que elicia uma cognição e proporciona mais reações. Além disso, há também um fenômeno em que o evento não passa pela cognição, provocando reações de forma direta. Isso pode ser ilustrado em uma situação em que se vê abruptamente um carro vindo descontrolado em sua direção e o indivíduo, de forma automática, corre desviando-se, por exemplo.

A Psicologia aplicada na clínica também tem se ocupado de entender e intervir na forma como esses aspectos idiossincráticos referentes às emoções interferem nos comportamentos e bem-estar pessoais. A partir disso, há outra proposta de modelo para explicar as emoções, a Teoria dos Esquemas Emocionais, um ramo de aplicação da Terapia Cognitiva Comportamental, desenvolvido por Leahy (2016). Este modelo entende as emoções e a regulação emocional a partir de um sistema social-cognitivo, isto é, propõe que “aspectos essenciais do processo de experiência emocional incluem a interpretação e avaliação das emoções por parte do indivíduo, bem como suas estratégias de controle desses sentimentos” (p. 17), sendo essas interpretações e avaliações moldadas pela história de vida individual e social dos indivíduos (Leahy, 2016) – o que corrobora a proposta do modelo integrativo de Miguel (2015).

A Inteligência emocional (IE) surge da ideia de que a emoção pode ser compreendida como uma resposta organizada a contribuir de forma adaptativa para a atividade cognitiva, contrariando a tradição filosófica ocidental que considerava a emoção como uma resposta desorganizada que promove a falta de ajustamento cognitivo (Salovey & Mayer, 1990; Rodrigues, 2016). Considerando o modelo integrativo das emoções (Miguel, 2015), a Inteligência Emocional atua no campo da cognição, mediando as respostas entre o evento eliciador e as possíveis reações

– ademais, essa conceitualização é também muito utilizada no modelo cognitivo da Terapia Cognitiva Comportamental. O conceito de inteligência emocional foi inserido na Psicologia nos anos 90, após a publicação de um artigo de Salovey e Mayer (1990). Este artigo inicialmente definia a inteligência emocional como a capacidade de perceber e regular emoções em si e nos outros. Em 1995, Daniel Goleman publicou o livro “Inteligência emocional” popularizando o tema, ampliando o termo da esfera acadêmica e científica para os meios de comunicação e a sociedade em geral (Rodrigues, 2016).

Pouco tempo após a publicação de Goleman, Mayer e Salovey (1997) apresentaram um modelo científico de inteligência emocional no qual o processamento de informações emocionais é dado por meio de um sistema de quatro níveis hierarquicamente organizados, sendo eles: 1) percepção, avaliação e expressão das emoções (percepção das emoções), 2) emoção como facilitadora do pensamento (facilitação do pensamento), 3) compreensão e análise das emoções (conhecimento emocional) e 4) controle reflexivo das emoções (regulação emocional) (Mayer & Salovey, 1997). Seguindo esse modelo, Mayer, Caruso e Salovey (2016) propuseram mais recentemente algumas atualizações na definição do construto e nas habilidades envolvidas em cada faceta da IE.

Os autores (Mayer, Salovey & Caruso, 2016) afirmam que as atualizações sobre o modelo de IE são guiadas por sete princípios. O primeiro aborda a IE como uma habilidade mental, isto é, parte-se da ideia de que, como uma inteligência, ela corresponde a capacidade de executar raciocínio abstrato. O segundo princípio trata de instrumentos de mensuração da IE: para os autores, por ser uma habilidade, ela é mais bem medida por instrumentos que forneçam problemas para os respondentes resolverem, e uma posterior avaliação do padrão de respostas corretas – sendo estas respostas identificadas por autoridades da área, por análise de trabalhos sobre o tema ou por cálculos de consenso

das respostas dos sujeitos. O terceiro princípio é sobre reconhecer que formas inteligentes de solucionar problemas dos testes não correspondem necessariamente a comportamentos inteligentes, isto é, assim como em outros testes de construtos psicológicos, há limitações em instrumentos de inteligência emocional, uma vez que acabam informando capacidades do avaliado, mas não como a pessoa está utilizando essas capacidades no seu cotidiano efetivamente.

O quarto princípio que guia o modelo diz respeito a construção de instrumentos de mensuração da IE: para os autores, o conteúdo, ou seja, a área do problema a ser resolvido, deve ser especificado como uma pré-condição na mensuração de habilidades mentais. Algo semelhante é tratado no quinto princípio, que afirma que testes válidos têm bem definidos assuntos que delinham habilidades mentais relevantes. O sexto princípio afirma que a IE é uma inteligência ampla, isto é, possui um fator geral que é subdividido em outros fatores hierarquicamente organizados. Por fim, o sétimo princípio é sobre a IE tratar de processamento de informações “quentes”, isto é, sobre informações que têm importância maior para os indivíduos, como aceitação social, bem-estar emocional, identidade etc. (o contrário de informações “frias”, que são mais impessoais, como habilidades matemáticas, percepção viso-espacial etc.), de forma semelhante às inteligências pessoal e social (Mayer, Salovey & Caruso, 2016)

Tendo isso considerado, os autores (Mayer, Salovey & Caruso, 2016) definem o nível da *percepção das emoções*, considerada o nível mais simples da IE, como a acurácia em identificar emoções próprias a partir de pensamentos, sentimentos e estados físicos e perceber emoções em outros por meio de seu tom de voz, expressões faciais, linguagem e comportamentos. Também se refere à habilidade de identificar conteúdos emocionais no ambiente, em músicas e em artes visuais; assim como à capacidade de expressar emoções de forma adequada e perceber expressões emoções falsas ou manipuladas; bem

como identificar emoções inadequadas ou adequadas à determinada situação, entendendo como as emoções são apresentadas dependendo dos contextos e culturas.

A *facilitação de pensamento* é definida como uso da emoção em processos cognitivos ligados ao raciocínio de forma a auxiliar a resolução de problemas e tomada de decisão. Dessa forma, essa capacidade refere-se à habilidade de gerar emoções como uma ferramenta para facilitar julgamentos e memória; gerar emoções como forma de conectar-se a experiências de outros; priorizar pensamentos direcionando a atenção de acordo com determinado sentimento; aproveitar de mudanças de humor para gerar diferentes perspectivas cognitivas e selecionar problemas baseado na forma em que o estado emocional de alguém possa facilitar a cognição. Vale ressaltar que os autores reconhecem que o nível de *facilitação do pensamento* não tem encontrado muito sustento estatístico nos estudos sobre a IE, mas que decidiram por mantê-lo no modelo de quatro-níveis, uma vez que este é um modelo de resolução de problemas, ou seja, eles consideram que essa habilidade possa estar sendo usada “indiretamente” nos testes e, portanto, não sendo identificada de forma “pura” nos resultados (Mayer, Salovey & Caruso, 2016).

O *conhecimento emocional* está relacionado às habilidades de rotular emoções e reconhecer relações entre elas; determinar os antecedentes, os significados e as consequências de emoções; avaliar situações que são propensas a eliciar emoções; além de diferenciar emoções e humor. Também refere-se à capacidade de compreensão das emoções complexas e contraditórias (como amar e odiar alguém ao mesmo tempo), transição de sentimentos (como sentir raiva e em seguida tristeza), compreender como alguém pode sentir-se sob determinados contextos (como uma “previsão” emocional) e reconhecer diferenças culturais na avaliação de emoções (Mayer, Salovey & Caruso, 2016).

Já a *regulação emocional* se refere ao gerenciamento consciente e reflexivo das emoções. Essa capacidade concerne então às habilidades de permanecer aberto a sentimentos prazerosos e desagradáveis quando preciso, bem às informações que eles transmitem. Também se associa à capacidade de se engajar em emoções quando forem úteis e desengajar quando inúteis; monitorar reações emocionais a fim de determinar quão razoáveis são; avaliar estratégias para manter, reduzir ou intensificar respostas emocionais; e, efetivamente, gerenciar emoções próprias e alheias a fim de alcançar um resultado desejado (Mayer, Caruso & Salovey, 2016).

Juntamente com o andamento da conceitualização e de debates a respeito da inteligência emocional foram desenvolvidos testes que visam medir esse construto. Carvalho e Ambiel (2017) salientam que não existe um consenso quanto à organização dos testes psicológicos. A classificação sugerida por esses autores é baseada no processo intrínseco da resposta ao teste, propondo seis categorias: 1) Auto atribuição ou autorrelato: atribuição da pessoa sobre ela mesma; 2) Atribuição por estímulos: nível que o avaliado fornece para estímulos ambíguos; 3) Desempenho: o próprio desempenho do avaliado com respostas adequadas e inadequadas; 4) Construtiva: nível do construto do avaliado baseado numa própria criação dele; 5) Observacional: relato de um observador; 6) Relato por informante: conhecimento fornecido por um informante, uma terceira pessoa. No caso dos instrumentos de IE, os autores tendem a classificar geralmente nas categorias de testes de autorrelato e de desempenho, sendo este tido como o mais propício por se aproximar mais de testes clássicos de inteligência, como apontado por Mayer, Caruso e Salovey (2016) em sua revisão mais recente do modelo de IE.

Essas colocações são importantes, uma vez que a discussão sobre a inteligência emocional segue três grandes vertentes. Uma delas, que já foi mais elucidada anteriormente, foi proposta por Mayer e Salovey (1997), compreendendo o construto

como uma capacidade mental de processamento cognitivo, geralmente mensurada por testes de desempenho. Outra vertente, encabeçada por Petrides e Furnham (2001), a entende como traços de personalidade, fazendo uso de testes de autorrelato. Apesar de essas duas abordagens serem as mais empregadas em estudos atualmente, há uma terceira vertente, sugerida por Bar-On (1997) que é a do modelo misto, que não considera a IE somente como um processamento de informação emocional e consequente relação com os componentes cognitivos, mas também que existe uma associação entre a IE e outros fatores do indivíduo, como a personalidade. Nesse modelo, geralmente também se utilizam instrumentos de autorrelato para mensuração da IE.

Tendo isso em vista, Petrides e Furnham (2001) sugeriram então que diferentes tipos de instrumentos de IE (autorrelato e desempenho) acessariam a IE de diferentes formas: através do autorrelato, os testes acessariam uma série de habilidades relacionadas à percepção de si próprio e as tendências comportamentais, enquanto os testes de desempenho avaliariam habilidades relacionadas ao processamento de informações com conteúdo afetivo e emocional. Corroborando isso, estudos vêm mostrando que testes de autorrelato e testes de desempenho demonstram resultados diferentes entre si. Gardner e Qualter (2009), por exemplo, em um estudo para verificar a correlação entre IE e Transtorno de Personalidade *Borderline* (TPB), utilizaram instrumentos de autorrelato e de desempenho. Nos resultados, quando a relação de IE e TPB foi analisada com os dados obtidos por autorrelato, constatou-se uma correlação negativa, mas consistente. Ao ser feita a correlação utilizando a IE como habilidade, obteve-se uma correlação negativa, porém modesta. Outros estudos (Goldenberg, Matheson & Mantler, 2006; Costa & Faria, 2014; Costa, 2020) sugerem que os sujeitos possam superestimar suas competências emocionais em estudos que as medidas de IE obtidas por autorrelato são maiores do que as pontuações obtidas pelos testes de desempenho – constatação que corrobora o princípio

levantado por Mayer et. al (2016) sobre os testes de desempenho serem os mais propícios para avaliar a IE. No presente estudo, serão utilizados instrumentos de autorrelato e de desempenho a fim de explorar de forma mais ampla a inteligência emocional nas participantes.

Desde o surgimento do construto da inteligência emocional, pesquisadores trazem discussões e pesquisas sobre os construtos inteligência emocional e personalidade, relacionamentos, estresse, comportamentos inadequados e desempenho profissional e acadêmico (Bueno, 2002; Dantas, 2004; Jesus, Jr., 2004; Lopes, et al., 2004; Mayer, Salovey, Caruso & Sitarênios, 2001, 2003; Roberts, Zeidner e Matthews, 2001; Primi, Bueno & Muniz, 2006; Bernaras et al., 2011; Van der Linden et al., 2017; Delhom et al., 2019; Brackett & Mayer, 2003; Cobêro, 2004; Freitas, 2004; Miguel, 2006; Nascimento, 2004; Muniz e Primi, 2007; Bueno, Santana & Ramalho, 2006; Miao et al., 2017; Schelegel et al., 2018; Macht et al., 2019; Martínez-Monteagudo et al., 2019). Esses estudos demonstram que a inteligência emocional é fundamental para a adaptação ao meio, contribuindo para o sucesso pessoal e relacionamentos pessoais.

Considerando essa importância na adaptação social e nos relacionamentos, estudos mostram que a IE também está associada à violência em geral (Ghasemi et al., 2012; Gower et al., 2014; Fernández-González et al., 2018; Littlejohn, 2012; Jaffe et al., 2015; Porche, 2016; Shead et al., 2016), um importante fenômeno social que afeta diretamente o relacionamento entre as pessoas. Internacionalmente, existem também pesquisas que observaram associações entre a IE ao fenômeno de violência mais específica que é abordada nesse trabalho, a violência entre parceiros íntimos, bem como a resolução inadequada de conflitos entre parceiros.

c. Inteligência emocional e violência por parceiros íntimos

Os estudos que serão abordados a seguir, foram selecionados a partir de uma revisão sistemática realizada com base no método de Von Hohendorff (2014). As bases de dados utilizadas foram o Periódicos CAPES e o Google Acadêmico, aplicando as seguintes palavras chaves: Inteligência emocional AND violência por parceiro íntimo OR violência doméstica OR conflito conjugal OR violência contra mulheres OR violência de gênero OR violência, bem como os respectivos termos em Inglês (*Emotional intelligence AND intimate partner violence OR domestic violence OR marital conflict OR violence against women OR gender violence OR violence*) e em Espanhol (*Inteligencia emocional AND violencia de pareja OR violencia doméstica OR conflicto conyugal OR violencia contra la mujer OR violencia de género OR violencia*). Não foi aplicado nenhum filtro por período de tempo, ou seja, buscou-se trabalhos realizados em qualquer ano, até o ano em que a revisão foi realizada (2020).

Os critérios de inclusão para essa revisão foram: ser estudos empíricos; abordar predominantemente a relação entre inteligência emocional e ocorrência de violência por parceiro íntimo ou conflito entre casais; estar nos idiomas português, inglês ou espanhol. Apesar de não tratarem diretamente sobre violência, alguns artigos sobre estratégias de resolução de conflito conjugal foram inclusos, uma vez que estratégias inadequadas podem ser consideradas como violentas algumas vezes, como observado no *Conflict Tactics Scale – CTS* (Alexandra & Figueiredo, 2006), instrumento utilizado na presente pesquisa para levantar dados sobre VPI na amostra de participantes.

Foram encontrados no total 25.336 resultados, dos quais 45 foram selecionados por serem avaliados como possivelmente relevantes, em inglês, português e espanhol. Destes, 10 foram excluídos por aparecerem mais de uma vez nas buscas e 8 não tinham os textos completos disponíveis. Assim, 27 publicações obtidas tiveram seus artigos analisados. Destes, 12 não contemplaram os Critérios de Inclusão e foram excluídos e,

assim, 15 foram selecionados pelo resumo e serão abordados a seguir. É importante ressaltar que, apesar de apresentar as estatísticas inferenciais (correlação ou diferença de média) para os construtos abordados apontando os valores de magnitude e/ou tamanho de efeitos, esses estudos não trazem a interpretação (se são altos, médios ou baixos) ou uma referência para essa interpretação. Portanto, ao descrever esses estudos a seguir, serão apresentados somente os dados, sem a interpretação. Esses dados permitem comparações com a presente pesquisa, que serão abordadas em *Discussão*.

Em 2015, os autores poloneses Tsirigotis e Łuczak investigaram a inteligência emocional de 40 mulheres com idades de 23 a 47 anos, que reportaram ter sofrido violência doméstica, comparando-as com 140 mulheres com perfil sociodemográfico semelhante ao do primeiro grupo que nunca sofreram esse tipo de violência. Para isso, foi utilizado a versão polonesa do instrumento de autorrelato *Assessing Emotional Scale* (AES), no qual o sujeito pontua ao final para um escore geral e para outros dois escores: o Fator I que consiste na habilidade de usar emoções para auxiliar pensamentos e ações; e o Fator II que se refere a habilidade de reconhecer emoções. Como resultado, os pesquisadores constataram que o grupo de mulheres que sofreram violência doméstica obteve escores significativamente mais baixos comparado ao outro grupo, tanto para o escore geral ($U= 1884,5$; $p= 0,003$) quanto para os fatores I ($U= 1939,0$; $p= 0,005$) e II ($U= 1910,0$; $p= 0,004$). Além disso, para o segundo grupo, os fatores I e II e o escore geral estão positivamente correlacionados, enquanto tal resultado não foi encontrado para o grupo de mulheres violentadas. Tais resultados indicam que a inteligência emocional em mulheres que foram vitimizadas é mais baixa do que em mulheres que não foram, bem como que a estrutura interna da inteligência emocional difere entre os dois grupos.

Outro estudo polonês, realizado por Stolarski et al. (2011), avaliou a correlação da IE com o uso de estratégias (destrutivas ou construtivas) de resolução de conflitos

relatadas por si mesmo e pelo parceiro. Participaram do estudo 164 casais heterossexuais, com média de idade de 28,4 anos (DP= 10,2), que responderam ao *Test of Emotional Intelligence* (desempenho) e a questionário sobre estratégias de resolução de problemas. Foi constatado que, para as mulheres, todas as facetas da IE (percepção, compreensão, assimilação e gerenciamento) e a IE total estavam positivamente relacionadas a estratégias construtivas de resolução de conflitos relatadas por si mesmas, bem como negativamente correlacionadas a estratégias destrutivas. Para os homens com alta pontuação em IE (especificamente nas facetas gerenciamento e assimilação, também para a IE total) suas parceiras relataram que eles usavam estratégias construtivas, apesar de eles não obterem uma correlação significativa quando relatavam seus próprios comportamentos.

Nos EUA, Ratliff (2017), em sua tese de doutorado, investigou os aspectos da inteligência emocional em 180 vítimas de violência doméstica, ambos os gêneros (71,3% de mulheres), utilizando o *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test* (MSCEIT) – instrumento de mensuração por desempenho – comparando-os com uma amostra normativa (n = 5000). A partir dos resultados, o autor constatou que ambos os gêneros apresentaram menores níveis no aspecto de compreensão das emoções ($t = -29,55$; $p < 0,001$) e gerenciamento das emoções ($t = -8,44$; $p < 0,001$) quando comparados a população normativa. Ademais, os homens apresentaram maiores níveis nas habilidades de uso ($F = 5,87$; $p = 0,016$; η^2 parcial = ,033), percepção ($F = 6,27$; $p = 0,013$; η^2 parcial = 0,035) e compreensão ($F = 1,22$; $p = 0,271$; η^2 parcial = 0,007) do que as mulheres. Os tipos de abuso sofridos e o tempo em que as vítimas estiveram submetidas a eles não obtiveram relação significativa com a inteligência emocional.

Silva (2012), a partir da versão portuguesa do instrumento de autorrelato *Emotional Skills and Competence Questionnaire*, investigou 55 mulheres que sofreram

violência doméstica, com média de idade de 42,5 anos, comparando-as com uma amostra normativa de 55 participantes. Os resultados demonstraram que as mulheres vítimas de violência conjugal apresentaram maiores dificuldades quanto à capacidade de lidar com as emoções ($p < 0,05$), expressá-las ($p < 0,05$) e percebê-las ($p < 0,01$), quando comparadas à amostra normativa.

Também em Portugal, Rodrigues (2016) buscou identificar as relações entre IE e atitudes de violência psicológica no namoro em adolescentes frequentando o Ensino Secundário. Para isso, 262 adolescentes, ambos os sexos (55,34% de meninas), dos quais 5,7% dizem já ter sofrido violência no namoro e 4,2% admitem terem praticado, responderam ao *Questionário de competências emocionais* (autorrelato), além de instrumentos que investigassem atitudes referentes à violência no namoro. Para a amostra estudada, houve uma correlação negativa fraca entre IE e violência no namoro. Todas as subdivisões da IE – percepção ($r = -0,22$; $p < 0,001$), expressão ($r = -0,22$; $p < 0,001$) e capacidade de lidar com emoções ($r = -0,16$; $p < 0,05$) – se correlacionam negativamente com a atitudes globais de violência psicológica. Além disso, a “desculpabilização” (atitude de minimizar a violência no namoro) se correlaciona negativamente com a expressão emocional ($r = -0,20$; $p < 0,001$) e capacidade de lidar com emoções ($r = -0,19$; $p < 0,05$). Foram observadas também correlação negativa fraca entre percepção emocional e violência, para os meninos ($r = -0,27$, $p < 0,05$), e correlação negativa fraca entre capacidade de lidar com emoções e violência, para meninas ($r = -0,17$, $p < 0,05$).

Ghasemi e colaboradores (2011) realizaram, no Irã, um estudo descritivo-correlativo para verificar a relação entre violência doméstica e inteligência emocional em 105 mulheres grávidas. Nenhum dos instrumentos utilizados foi especificado no artigo. Como resultado, os pesquisadores constataram correlação entre violência doméstica e

inteligência emocional ($r=0,65$, $p<0,001$), mais especificamente entre IE e violência psicológica ($r= 0,81$), física ($r= 0,52$), sexual ($r= 0,66$) e econômica ($r= 0,49$).

Monteiro e Balogun (2015) recrutaram uma amostra de 152 adultos (81,8% mulheres) em Botsuana para examinar a IE e estratégias de manejo de conflito em resposta a situações violentas e não violentas no contexto de relacionamento íntimo. Para esse estudo, foi utilizado o instrumento de IE por autorrelato *The Wong and Law Emotional Intelligence Scale*, bem como o *Conflict Style Questionnaire*, no qual os sujeitos deveriam apontar qual tipo de resolução eles dariam para cada situação de conflito representada por vídeos. Os autores constaram que a IE total teve uma relação significativa em estratégias mais adequadas em resposta aos vídeos violento ($F= 6,497$; $p < 0,05$ para estratégia de compromisso; $F= 10,316$; $p < 0,01$ para a estratégia de colaboração) e não-violento ($F= 9,568$; $p < 0,01$ para a estratégia de colaboração).

Uma investigação semelhante foi desenvolvida com adolescentes na Espanha. Fernández-González et. al (2018) realizaram um estudo longitudinal de um ano que buscava investigar se diferentes facetas da IE (de acordo com o modelo de IE como traço de personalidade) prediziam diferentes tipos de violência no namoro (física, psicológica e sexual) ao longo do tempo. Também buscaram examinar se as diferentes facetas da IE possuíam um papel de “amortecedor” da manutenção da violência no namoro. Para isso, os instrumentos *Trait Meta Mood Scale* (autorrelato) e *Conflict in Adolescent Dating Relationships Inventory*, ambos em suas versões espanholas, foram aplicados em 542 adolescentes (52,2% de meninas), com idade média de 16,36 anos. O resultado mostra que o preditor mais forte de violência no namoro foi o nível anterior de agressão. Já a IE foi moderadora da manutenção violência ao longo do tempo – especificamente, os adolescentes com maior clareza emocional mostraram uma menor perpetuação da violência ($r= -0,09$). Os outros fatores de IE (atenção e reparo) tiveram um efeito

específico para cada um dos gêneros: uma menor perpetuação de violência no namoro foi encontrada para meninas com pontuações mais altas em atenção emocional, e para meninos com pontuações mais altas em reparo emocional. Aqui vale ressaltar que, nesse modelo, *atenção* refere-se à capacidade de sentir e expressar adequadamente as emoções, *reparo* é a habilidade de regular corretamente seus estados emocionais e *clareza* é a capacidade de reconhecer e compreender os próprios estados emocionais.

Também na Espanha, Gómez et. al (2019), efetuaram uma pesquisa para verificar como uma intervenção em IE com mulheres vítimas de violência de gênero interferiria em sua gestão emocional e autoestima. Participaram sete mulheres que foram submetidas a intervenção e mais sete mulheres do grupo controle. Para mensurar a IE, foi utilizado o *Trait Mood Scale* (autorrelato), além de um instrumento para avaliar a autoestima. Ao final, foi constatado que a autoestima mensurada como “Normal” e “Baixa” antes da intervenção, alterou-se “Alta” e “Normal” após a intervenção (no grupo de estudo). Já no grupo controle, a autoestima se manteve em “Baixa” e “Normal”. Observou-se também, para a IE, mais resultados “Baixos” na pré-intervenção e, posteriormente, mais resultados “Aceitáveis” no pós-intervenção (no grupo de estudo). No grupo controle, os resultados de Regulação, Compreensão e Percepção se mantiveram “Baixos”. Os autores concluíram então que a intervenção mostrou um impacto positivo na autoestima e IE das mulheres vitimizadas.

Ainda na Espanha, Hernández (2020) buscou compreender a relevância da IE nos relacionamentos entre jovens em que há alguma violência, investigando então a correlação entre a IE e vitimização e perpetuação por VPI. Participaram da pesquisa 195 jovens, ambos os sexos (50,25% homens) com idade média de 21,6 anos (DP= 1,9). Eles responderam ao *Trait Meta Mood Scale* (autorrelato) e questionários referentes a VPI. Nos resultados, observou-se que, para os homens, a violência geral exercida se relaciona

com o fator atenção emocional ($r=-0,27$). Esse mesmo fator da IE também está relacionado com o controle sobre a parceira ($r= -0,27$). Além disso, clareza emocional está negativamente associada a violência física ($r= -0,20$) e psicológica ($r= -0,95$). Já para as mulheres, observaram-se correlações negativas significativas entre atenção emocional e controle sobre parceiro ($r=-0,16$) e violência sexual ($r= -0,13$).

Novas et al. (2011), também na Espanha, realizaram um estudo com o objetivo de analisar a relação e capacidade preditiva da IE e do ciúme em estratégias violentas para resolução de conflitos entre parceiros. Os autores aplicaram a escala *Conflict Tatic Scale (CTS)* – que é também utilizada no presente estudo – juntamente do *Scale for Measuring Propensity for Abuseviness (PAS)*, além do instrumento de mensuração de IE *Trait Emotional Intelligence Questionnaire* (autorrelato) e um questionário sobre ciúmes não especificado no artigo. Participaram do estudo 294 pessoas, entre homens e mulheres, com idades entre 17 e 81 anos (média de 36,4 anos e DP= 10,9). Foi encontrada correlação significativa positiva entre ciúmes e tendência a estratégias violentas ($r= 0,43$), relação negativa entre IE total e tendência a estratégias violentas ($r= -0,36$) e relação significativa negativa entre IE e ciúmes ($r= -0,37$). Ademais, ambas variáveis (IE e ciúmes) obtiveram valor preditivo (negativo e positivo, respectivamente) sobre as estratégias de resolução de conflito.

Blásquez-Alonso et al. (2012), também na Espanha, buscaram investigar a correlação entre os fatores da IE e a perpetração da violência psicológica contra o parceiro em ambos os gêneros. Para esse estudo, foram recrutados 1080 estudantes universitários (72,59% mulheres) com idades entre 17 e 23 anos. O instrumento de IE utilizado foi o *Inventario de Pensamiento Constructivo (CTI)*, um teste de autorrelato. Entre as mulheres, cada uma das manifestações de violência psicológica (desvalorização, hostilidade, desapego, coerção, exigências desmedidas, atitudes manipuladoras e

culpabilização) se relacionaram significativamente com cada um dos fatores da IE analisados (emotividade, eficácia, rigidez e ilusão). Já para os homens, apenas o fator “rigidez” não obteve correlação significativa com todas as manifestações de violência psicológica. Por serem muitas correlações, elas não serão especificadas nesse estudo.

Outro estudo espanhol, realizado por Alonso-Ferres et al. (2019), teve por objetivo verificar se a IE tem alguma relação com as estratégias de resolução de conflitos e como eles afetam as consequências pessoais e na relação, além de identificar se homens e mulheres usam estratégias diferentes para resolução de conflito. Os instrumentos utilizados foram o *Wong & Law Emotional Intelligence Scale* (autorrelato) e questionários de atitudes em relacionamentos e bem-estar. Os autores encontraram que as mulheres tenderam a responder de forma mais expressiva (estratégia ativa e construtiva) e leal (estratégia passiva e construtiva) nos conflitos, enquanto os homens tendem a agir de forma negligente (estratégia passiva e destrutiva). Além disso, observou-se que a IE teve uma correlação positiva significativa com o bem-estar psicológico ($r=0,53$), bem como com o bem-estar com o relacionamento ($r=0,25$). A IE também obteve uma correlação positiva com a estratégia ativa-construtiva nos conflitos ($r=0,24$), que é a forma mais adaptativa de lidar com os conflitos. Ademais, a IE obteve uma correlação negativa com a estratégia negligente (passiva e destrutiva) ($r=-0,43$).

No Paquistão, Ajazaz e Majeed (2017) investigaram o impacto geral da IE na saúde geral de 504 mulheres que sofreram VPI. Nesse estudo, foi utilizado o *survey* de autorrelato de IE elaborado por Daniel Goleman (autor do best-seller *Inteligência Emocional*), uma entrevista aberta sobre os casos de violência e os instrumentos *World Values Survey*, *Pakistan Demographic Survey* e *Quality of Life Index* para os dados referente à saúde e bem-estar. As análises foram por meio da regressão logística e os resultados encontrados pelos autores demonstraram que 31,55% das participantes têm

uma saúde geral pobre e 29% estão infelizes com a vida de casada. Ademais, foi verificado que a VPI (físico, abuso verbal e psicológico) está relacionada negativamente a algum tipo de deterioração da saúde e bem-estar da mulher, bem como na felicidade. Na contramão, a IE esteve fortemente relacionada positivamente a melhor status de saúde, mas não mostrou resultados que a relacionasse com o bem-estar nessa amostra. Vale ressaltar que, além da violência, cuidados com a casa, número de filhos, idade, degradação do ambiente, estado civil e dominância do marido também possuíram correlação com a saúde. Os autores concluíram que a IE permite que as mulheres lidem mais efetivamente com problemas matrimoniais e até com a violência.

Echeverría (2018), no Peru, recrutou 370 mulheres que sofreram violência por seus parceiros íntimos, para verificar em que medida a dependência emocional e o estilo parental superprotetor e autoritário explicam a inteligência emocional de mulheres que sofreram violência conjugal. Nessa pesquisa, foi utilizado o instrumento de mensuração de IE *Trait Mode Scale* (autorrelato) além dos inventários de estilos parentais e dependência emocional. Como resultados, foi constatado que, pelo modelo de equações estruturais, foi possível explicar a inteligência emocional dessas mulheres a partir da dependência emocional e estilos parentais superprotetor e autoritário. A partir disso, pode-se dizer que os estilos parentais autoritário e superprotetor incrementa a dependência emocional, que por sua vez faz com que a IE seja menor. Nesse estudo, a variável “violência” não foi discutida, porém é ressaltado que dependência emocional está relacionada à violência conjugal bem como com a IE.

Também no Peru, Whitney (2019) analisou a relação entre inteligência emocional e violência por parceiro íntimo em jovens que pertencem a Polícia da cidade de Chiclayo. Para isso, 250 jovens (ambos os sexos) responderam ao *Wong and Law Emotional Intelligence Scale* (autorrelato) e ao *Questionário de violência entre namorados*.

Constatou-se, ao final da coleta, correlações significativas entre a IE total e violência nas dimensões: coerção ($\rho = -0,147$), física ($\rho = -0,145$), desapego ($\rho = -0,137$) e humilhação ($\rho = -0,713$), bem como em nível global com a frequência ($\rho = -0,142$). Além disso, os níveis mais baixos de IE predominou no gênero masculino e níveis mais altos no gênero feminino. Ademais, os níveis de prática de violência mais altos predominaram no gênero masculino, enquanto as mulheres apresentam maior nível de vitimização por violência.

Em 2019 na Colômbia, Herreño e Castelblanco recrutaram 150 mulheres e 150 homens universitários, com idade média de 21 anos, que responderam ao *Trait Mood Scale* (autorrelato), ao *Inventário Big Five* (que investiga traços de personalidade) e a questionários sobre violência no namoro. O objetivo foi investigar qual das variáveis (IE e traços de personalidade) possuíam maior predição contra a ocorrência de VPI. Nos resultados, observou-se que traços de personalidade apresentaram maior predição contra a VPI. Apesar de apresentar correlação com VPI ($r = -,118$), a IE não foi constatada como uma preditora da VPI.

Freire (2019), no Equador, buscou verificar a relação entre a IE e violência de gênero numa amostra de 28 mulheres vitimizadas, por meio de um estudo descritivo. O trabalho concluiu que 71% delas puderam identificar suas emoções no momento em que ocorreu a violência e que as reações emocionais diante a violência geralmente foram violentas também.

Um trabalho australiano, realizado por McCarthy (2006), teve como objetivo geral investigar a relação entre IE, conflitos e satisfação com o relacionamento em relações românticas. O instrumento de mensuração da IE nesse estudo foi o *Swinburne University Emotional Intelligence Test* (autorrelato), além dos instrumentos para avaliar atitudes em relacionamentos e personalidade. Para esse estudo, foram recrutados 179 participantes

em relacionamentos heterossexuais sendo 123 mulheres (com média de idade de 29,4 anos, DP= 13,08) e 55 homens (com média de idade de 32,84 anos, DP= 11,19). Os participantes com maiores níveis de satisfação positiva com o relacionamento e menores níveis de satisfação negativa com o relacionamento se engajavam mais em estratégias efetivas de resolução de conflito do que em estratégias ineficazes. Também, a hipótese de que participantes com maiores níveis de IE teriam maior nível de satisfação positiva com o relacionamento e menor nível de satisfação negativa foi parcialmente confirmada. A hipótese de que participantes com maiores níveis de IE se engajam mais em estratégias eficazes do que em ineficazes também foi parcialmente confirmada.

Zeidner e Kloda (2012), em Israel, buscaram investigar a relação entre a IE e os padrões de resolução de conflito e qualidade percebida (satisfação) no casamento, tanto para o efeito-ator quanto para o efeito-parceiro. O efeito-ator (*actor-effect*) refere-se apenas à relação entre a pontuação de uma pessoa no preditor e sua própria pontuação no resultado, enquanto o efeito-parceiro (*partner-effect*) refere-se a como a pontuação de cada parte do relacionamento está associada a suas próprias pontuações no resultado. Para esse estudo, 50 casais heteroafetivos com idades entre 20 e 32 anos, casados por menos de um ano (M=11 meses), responderam ao *Mayer-Salovey-Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT)*, teste de desempenho) e a instrumentos referentes a atitudes em relacionamentos. Os dados obtidos fornecem apoio parcial a ideia geral de que a IE total possui um papel crucial nos casamentos, uma vez que a IE esteve positivamente correlacionada a padrões construtivos de resolução de conflito ($r= 0,24$) e negativamente relacionada a padrões destrutivos ($r= -0,39$ e $-0,31$ para táticas de evitação e afastamento, respectivamente), para o efeito-ator. Também na análise do efeito-ator, constatou-se que a IE e estratégias construtivas de resolução estavam positivamente correlacionadas a bem-

estar conjugal ($r= 0,30$ e $0,63$, respectivamente). Já para o efeito-parceiro, não foram encontradas relações significativas entre IE e as variáveis maritais (conflito e satisfação).

Na Nigéria, Animashahun e Oladeni (2010) efetuaram um estudo que teve por objetivo verificar como a IE e estratégias de resolução de conflito predizem a estabilidade marital. Nessa pesquisa, 250 casais heterossexuais, com idades entre 26 e 69 anos, participaram de sessões individuais que buscavam avaliar a estabilidade marital, a resolução de conflitos e a IE, esta medida através de um instrumento de autorrelato. Os autores constataram que IE total ($r = 0,537$) e estratégias de resolução de conflito ($r = 0,562$) obtiveram uma correlação positiva significativa com estabilidade marital. Além disso, não houve diferenças entre as partes de cada casal no uso de estratégias de resolução de conflito.

Considerando esses estudos mencionados, a inteligência emocional demonstra ser um construto que favorece a adaptação ao meio, contribuindo para o sucesso pessoal – isto é, o bom relacionamento consigo mesmo a partir da identificação e gerenciamento das emoções – como também para relacionamentos interpessoais, sendo essas questões norteadores para a prática da Psicologia. Entretanto, não foram encontrados estudos no âmbito brasileiro que a relacionem com a violência entre parceiros íntimos, importante fenômeno que afeta diretamente a relação entre parceiros e o bem-estar físico e psicológico das partes envolvidas. Tendo em vista que, como explicitado anteriormente, as mulheres são as principais vítimas dessa situação, o foco da presente pesquisa foi direcionado a elas. Essa investigação é importante para fomentar a discussão a respeito dos danos causados pela violência e sobre formas de intervenção terapêutica com pessoas nessa situação.

OBJETIVOS

Inicialmente, é importante ressaltar que, após a coleta de dados, os objetivos do projeto inicial precisaram ser modificados para se adequarem à amostra estudada. No projeto original, os objetivos específicos eram:

1. Verificar inteligência emocional nas mulheres vítimas de VPI com os instrumentos e compará-las a mulheres que não relatam ter sofrido esse tipo de violência;
2. Verificar se há diferenças na inteligência emocional entre os grupos de diferentes tipos de violência (sexual, física e psicológica);
3. Verificar se há diferenças na inteligência emocional entre os grupos de mulheres que relatam: ter sofrido e infringido violência; ter sofrido e não infringido violência; não ter sofrido, mas ter infringido violência; não ter sofrido e nem infringido violência.
4. Verificar se há diferenças na inteligência emocional nas mulheres vítimas de VPI considerando a quantidade de vezes que sofreram violência.
5. Comparar os resultados do perfil de inteligência emocional obtidos por métodos diferentes de avaliação (desempenho e autorrelato) para as mulheres da amostra.

O objetivo 1 foi excluído, pois não foi possível dividir a amostra em grupos numericamente equilibrados, uma vez que apenas 14 de 100 participantes não sofreram VPI. Uma situação semelhante se aplica ao objetivo 2, pois as categorias de violência (física, sexual, psicológica e injúria) se misturaram entre si para a maioria das participantes, sendo impossível criar grupos equilibrados para cada uma das categorias. A divisão de grupos proposta nos objetivos 3 e 4 também não foi possível devido ao desequilíbrio numérico entre cada um.

a. Objetivo geral e objetivos específicos

Com isto considerado, o objetivo geral dessa pesquisa consiste em investigar aspectos da inteligência emocional em mulheres que relatam terem sido vitimadas por qualquer tipo de violência por parceiro íntimo, bem como em mulheres que relatam terem praticado alguma forma de violência contra seus parceiros íntimos. Assim, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

1. Averiguar os comportamentos de VPI (praticados e sofridos) e os escores de inteligência emocional na amostra. Em relação a esses dados da IE, verificar se há diferenças dos resultados em decorrência dos diferentes métodos de avaliação (desempenho e autorrelato);
2. Verificar a correlação entre inteligência emocional e estratégias violentas e não violentas de resolução de conflito entre casais compostos pelas participantes;
3. Verificar se há diferenças na inteligência emocional entre os grupos de mulheres que relatam: ter sofrido apenas agressão psicológica; ter sofrido agressão psicológica e outros tipos de violência; não ter sofrido agressão psicológica, porém ter sofrido outras formas de violência; não ter sofrido nenhum tipo de violência;
4. Verificar se há diferenças na inteligência emocional entre os grupos de mulheres que relatam: ter praticado apenas agressão psicológica; ter praticado agressão psicológica e outros tipos de violência; não ter praticado agressão psicológica, mas ter praticado outras formas de violência; não ter praticado nenhum tipo de violência;
5. Averiguar se há diferenças de inteligência emocional entre mulheres cujos parceiros usaram mais estratégias de negociação (não-violentas) do que

estratégias violentas em resolução de conflitos e mulheres cujos parceiros usaram mais estratégias violentas do que estratégias de negociação.

MÉTODO

a. Participantes

No total, a coleta foi realizada com 100 participantes mulheres, com idade média de 28,19 anos (DP= 10,3), sendo a idade mínima 18 anos e a máxima 65 anos. A maioria delas (67%) se autodeclararam como brancas, 22% delas se identificam como pardas, 5% como negras e outros 5% como amarelas/de origem asiática, enquanto apenas 1% é declarada como indígena.

A maioria (73%) das participantes se identifica como heterossexual. A maior parte (35%) das participantes não possui trabalho remunerado, sendo que 18% delas possuem uma renda familiar entre 1 e 2 salários-mínimos, 9% possuem uma renda menor que um salário-mínimo, 8% têm uma renda familiar maior que 10 salários-mínimos. Além disso, o nível mínimo de escolaridade da amostra foi o ensino médio completo, no qual 9% delas se encaixam, e grande parte delas (50%) possui ensino superior incompleto. Quanto ao status de relacionamento, 40% das participantes relataram que namoram atualmente. Ademais, 30% delas estão solteiras, 21% são casadas ou moram junto de seus(suas) parceiros(as), 4% são divorciadas ou separadas, 2% estão noivas, 1% é viúva e 2% delas definiram seu status de relacionamento como “outro”.

b. Instrumentos

Questionário socioeconômico

Consiste em um breve questionário para coletar informações como idade, etnia, status de relacionamento, escolaridade, atividade remunerada e renda. Esses dados

contribuíram para caracterizar a amostra, possibilitando maior conhecimento sobre questões sociais e econômicas das participantes da pesquisa. Esse questionário foi elaborado pela própria autora, considerando quais variáveis socioeconômicas são relevantes para caracterizar a amostra em outros estudos sobre VPI e IE.

Conflict Tactics Scale 2.0 – CTS2 (Alexandra & Figueiredo, 2006)

O CTS2 foi originalmente elaborado por Straus et al. (1996), porém o instrumento utilizado trata-se de uma adaptação transcultural para o contexto brasileiro. Ele é composto por 39 itens agrupados em pares de perguntas direcionadas aos comportamentos da participante e de seu parceiro, somando um total de 78 questões. O instrumento possui um formato breve e tempo de administração e resposta médio entre 10 e 15 minutos. O instrumento contabiliza o número de ocorrências durante os últimos 12 meses por parte da participante e pelo companheiro, incluindo oito categorias de resposta. As primeiras seis respostas são destinadas a determinar a prevalência e cronicidade no último ano: (1) uma vez no ano anterior, (2) duas vezes no ano anterior, (3) 3-5 vezes no ano anterior, (4) 6-10 vezes no ano anterior, (5) 11-20 vezes no ano anterior, (6) mais de 20 vezes no ano anterior; e as outras duas categorias restantes destinadas a determinar a prevalência global: (7) não no ano anterior, mas ocorreu anteriormente; e a inexistência deste tipo de abuso (0) nunca aconteceu. Para a correção do instrumento, os itens assinalados com 7 (ocorreu, mas não no ano passado), foram pontuados com valor 1, como forma de padronizar um escore, uma vez que a resposta 7 não quantifica uma frequência. Os demais itens foram pontuados com seus respectivos valores, isto é, zero vale zero, um vale um, e assim por diante. Dessa forma, pode-se dizer que quanto maior a pontuação em determinado item, maior a frequência que o comportamento correspondente foi efetuado.

As estratégias de resolução de conflito exploradas nesse instrumento são: negociação (estratégia não-violenta), agressão psicológica, violência física, coerção sexual e injúria. Os dados retirados da escala CTS2 correspondem a: frequências de violência menor, de violência grave, de agressão psicológica total, de violência física geral, de coerção sexual geral, de injúria geral, de estratégias de negociação e de violência no geral; tanto para a participante como vítima quanto para participante como praticante/agressora. Essas classificações foram determinadas pelo próprio artigo de adaptação cultural do instrumento (Alexandra & Figueiredo, 2006) e elas são usadas para categorizar as respostas das participantes em variáveis no presente estudo.

Bateria de Avaliação da Inteligência Emocional – BIE

É um instrumento de avaliação por desempenho composto por três testes (é importante ressaltar que os níveis de precisão citados nessa seção não correspondem à amostra desta pesquisa) :

1) *Teste de Percepção das Emoções* (Bueno & Correia, 2015), composto por 26 figuras relacionadas às emoções, com 5 emoções descritas para cada figura que devem ser avaliadas numa Escala Likert que vai do 1 (nada) ao 5 (muito), tanto em relação as emoções percebidas pelo participante (percepção de emoções em si mesmo, $\alpha = 0,804$) e figuras sobre as emoções de outros (percepção de emoções em terceiros, $\alpha = 0,725$). Nesse teste, pontuação é calculada de acordo com a porcentagem de respostas iguais das participantes. Por exemplo, se 65% dos respondentes escolheram a alternativa 3 para determinada figura, a pontuação para esta alternativa será de 65 pontos na amostra.

2) *Teste de Compreensão das Emoções* (Bueno & Oliveira, 2015) ($\alpha = 0,805$), composto por 40 questões, divididas em dois blocos: bloco A, referente à transição de emoções; e bloco B, referente à mistura de emoções). Cada item possui cinco alternativas de respostas (de A ao E). Os fatores obtidos nesses testes são: fator de compreensão A,

fator de compreensão B e fator de compreensão geral, que é composto pelas somas dos fatores anteriores. Para esse teste, a pontuação mínima é zero e a máxima é 40.

3) *Teste de Regulação das Emoções* (Lira & Bueno, 2020) ($\alpha = 0,479$), composto por 8 histórias sobre pessoas em diversas situações para as quais são apresentadas 3 estratégias que podem ser tomadas para lidar com a emoção envolvida na situação, as quais o participante deve avaliá-las com pontos numa Escala Likert que vai de 1 (muito ineficazes) a 5 (muito eficazes). A pontuação aqui deveria ser calculada da mesma forma que no teste de percepção (por concordância com a amostra), entretanto por um erro acidental na aplicação do teste na presente pesquisa, foram utilizados somente 7 histórias e não 8 – ou seja, 21 itens e não 24 – o que prejudicou o cálculo por concordância seguindo a sintaxe enviada pelo autor do teste, então foi utilizada a pontuação de acerto (1) e erro (0) para cada estratégia conforme o documento de correção dos testes da BIE, também enviado pelo autor. Aqui, o único fator analisado utilizando o cálculo de consenso foi o fator total *regulação emocional*, porém também foi analisada a variável com as médias de respostas certas e erradas (como os fatores 1 e 2). Isso foi decidido de forma a examinar mais amplamente o construto na amostra.

Inventário de Competências Emocionais - ICE 3.0 (Bueno, Correia & Peixoto, no prelo)

O instrumento avalia cinco fatores relacionados às competências emocionais: 1) percepção das emoções ($\alpha = 0,759$), que se refere à capacidade de perceber estados e alterações emocionais em si e em outros, detectar a influência do próprio comportamento sobre os sentimentos dos outros e do comportamento dos outros sobre os próprios sentimentos, de identificar a diferença entre o que é esperado sentir em determinadas contextos e o que realmente se sente, ou detectar que um sentimento está aumentando

perigosamente de intensidade; 2) regulação das emoções de baixa potência ($\alpha = 0,662$), que envolve a capacidade de não se abater pela tristeza, desânimo, melancolia ou medo, promovendo a superação das frustrações cotidianas por meio da automotivação; 3) expressividade emocional ($\alpha = 0,581$), que é a capacidade expressar-se emocionalmente tanto para comunicar sentimentos quanto para superar a vergonha ou medo da não aceitação por outras pessoas; 4) regulação das emoções em outras pessoas ($\alpha = 0,878$), que se refere a habilidade para lidar com pessoas emocionalmente problemáticas ou tomadas pela emoção, conseguindo acalmar alguém ou motivá-la adequadamente; e 5) regulação das emoções de alta potência ($\alpha = 0,646$), que envolve a regulação da impulsividade, tanto da raiva quanto da euforia, de forma a se comportar apropriadamente ao contexto. Além destes, há também o fator geral de competências emocionais ($\alpha = 0,877$). O inventário consiste numa avaliação de autorrelato, composta por 34 itens numa Escala Likert de cinco pontos que variam entre 1 (não se aplica ao meu caso) e 5 (se aplica perfeitamente ao meu caso). A pontuação nesse instrumento é calculada a partir de uma média ponderada dos escores de cada fator.

c. Procedimentos

Após a aprovação pelo Comitê de Ética (nº parecer: 4.150.946), a pesquisadora disponibilizou um convite para pesquisa com um link para inscrição por mídias sociais (Facebook, Instagram e grupos de WhatsApp) para que participantes se voluntariassem. As mulheres que se inscreveram foram contatadas pela pesquisadora para agendar dia e horário da coleta que foi realizada individualmente, de forma online e síncrona por meio de videochamada. Neste contato também foi explicado pela pesquisadora a importância da pessoa, no dia da coleta, estar em um local com as condições adequadas para a aplicação dos instrumentos no qual se tivesse sigilo, iluminação e sem barulhos intensos.

Na data acordada, a pesquisadora enviava com antecedência o link para a videochamada e, ao iniciarem essa interação, a pesquisadora agradecia o interesse, explicava os objetivos da pesquisa e como seria conduzida a coleta. Inicialmente a participante assinou o TCLE, confirmando sua participação voluntária e consciente, em seguida foram aplicados os instrumentos na seguinte ordem: Questionário socioeconômico, CTS, BIE e ICE. As respostas foram efetuadas e armazenadas na plataforma *Google Forms*. Durante toda a aplicação a pesquisadora se manteve conectada acompanhando a participante. Este formato online e síncrono de coleta foi necessário devido às recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) de distanciamento social diante o cenário da Pandemia de COVID-19.

É importante relatar que ao final das coletas, foram entregues panfletos informativos (Anexo A) para todas as participantes com orientações sobre buscar ajuda em meios especializados, como o CREAS (Centro de Referência Especializado de Assistência Social), a Delegacia da Mulher ou Laboratório de Análise e Prevenção de Violência (LAPREV) da UFSCar, caso tenham sofrido ou venham a sofrer alguma prática violenta.

ANÁLISES DE DADOS

Os resultados foram analisados estatisticamente via *software* JASP, versão 13.0. Primeiramente, para averiguar o **objetivo 1**, foram feitas análises descritivas do CTS e de ambos os instrumentos de inteligência emocional utilizados, a fim de identificar e compreender de forma ampla as respostas das participantes, verificando a média e desvio padrão dos escores, além das pontuações máximas e mínimas das participantes. Nesta parte também foram feitas análises da normalidade dos dados obtidos, de forma a determinar se seriam realizadas análises paramétricas ou não-paramétricas para averiguar

os objetivos. Como a maioria dos dados não seguiu uma distribuição normal (como será detalhado em *Resultados*), as análises inferenciais realizadas nesse estudo foram não-paramétricas.

Em seguida foram realizadas análises de precisão dos instrumentos de inteligência emocional. Para o ICE, foram feitas análises para cada uma das subescalas: *percepção das emoções*, *regulação das emoções de baixa potência*, *expressividade emocional*, *regulação das emoções em outras pessoas* e *regulação das emoções de alta potência*. Para a BIE, foram feitas análises para os testes seguindo a divisão: *Compreensão emocional no Bloco A*, *Compreensão emocional no Bloco B*, *Compreensão emocional total* (com os itens dos blocos A e B), *Percepção emocional em si*, *Percepção emocional nos outros*, *Percepção Total e Regulação emocional* (com itens dos fatores 1 e 2, bem como da subescala toda). Os índices de precisão utilizados nas análises foram o α de Cronbach, o ω de McDonald e o GLB (*Greatest Lower Bound*) – este, apesar de ainda menos utilizado, em algumas literaturas recentes, tem se mostrado o melhor índice para análises de amostras não-paramétricas (Hermosilla & Alvarado, 2016). Para essas análises, foram considerados como aceitáveis valores de α , ω e GLB acima de 0,6, isto é, as escalas que apresentam valor de precisão maior que 0,6 são tidas como confiáveis em termos de precisão, seguindo orientações da Resolução 009/2018 do Conselho Federal de Psicologia.

Para analisar os dados, as participantes foram divididas em alguns grupos de acordo com os objetivos do estudo. Para os terceiro e quarto objetivos, os grupos de agressão psicológica foram divididos a partir da presença ou não desse tipo de violência. Nos grupos “somente agressão psicológica”, as participantes responderam haver pelo menos uma ocorrência de agressão psicológica e nenhuma ocorrência de outro tipo de violência; nos grupos “agressão psicológica e outras”, as participantes responderam com

pelo menos uma ocorrência de agressão psicológica e com pelo menos uma ocorrência de outro tipo de violência; no grupo “sem agressão psicológica, mas com outras”, as participantes assinalaram nenhuma ocorrência de agressão psicológica e pelo menos uma ocorrência de outro tipo de violência; já nos grupos “nenhuma violência”, as participantes não assinalaram nenhuma ocorrência de violência de qualquer tipo. Para o quinto objetivo, as participantes que respondessem que houve pelo menos uma ocorrência a mais de negociação do que de estratégias violentas foram alocadas no grupo “mais negociação”; já as participantes que assinalassem pelo menos uma ocorrência a mais de uso de estratégia violenta do que de negociação foram colocadas no grupo “mais violência”.

Para verificar as correlações entre VPI e IE (**objetivo 2**), as análises foram realizadas a partir dos dados coletados através do CTS2 e das subescalas do ICE e da BIE, respectivamente. Por se tratar de uma amostra não-paramétrica, foram feitas correlações de Spearman. O valor de significância aqui atribuído é menor ou igual a 0,05 e as magnitudes das correlações foram inferidas a partir da classificação de Dancey, Mclean & Monshipouri (2011), que as categorizam como: relação não considerável (de 0,00 a 0,19), relação fraca (de 0,20 a 0,29), relação moderada (de 0,30 a 0,39), forte (de 0,40 a 0,69) e muito forte (de 0,70 a 1,00).

Para investigar se há diferenças significativas entre grupos de agressão psicológica, isto é, participantes que relatam ter sofrido apenas agressão psicológica; ou ter sofrido agressão psicológica e outros tipos de violência; ou não ter sofrido agressão psicológica, porém ter sofrido outras formas de violência; ou não ter sofrido nenhum tipo de violência – conforme descrito em *Método* – (**objetivo 3**), foram feitos testes Kruskal-Wallis para cada uma das facetas avaliadas por ambos os instrumentos de inteligência emocional utilizados. O mesmo tipo de análise foi realizado para verificar se há diferenças

significativas entre grupos de agressão psicológica praticadas pelas participantes (**objetivo 4**), isto é, participantes que relatam ter praticado apenas agressão psicológica; ou ter praticado agressão psicológica e outros tipos de violência; ou não ter praticado agressão psicológica, porém ter praticado outras formas de violência; ou não ter praticado nenhum tipo de violência – conforme descrito em *Método*.

Para essas análises, foi considerado, para o nível de significância de $p \leq 0,05$, os seguintes tamanhos do efeito: o valor de d de 0,00 a 0,19 - nenhum efeito; de 0,20 a 0,49 - efeito pequeno; de 0,50 a 0,79 - efeito moderado e de 0,80 a 1,00 - efeito forte (Cohen, 1988; Lenhard & Lenhard, 2016). É importante ressaltar também que, quando detectadas diferenças significativas nessas análises, foram realizados testes *post-hoc* do tipo Dunn, realizando a correção de Bonferroni dos valores de p , a fim de identificar especificamente entre quais variáveis houve a diferença detectada.

Finalmente, para verificar se há diferenças de inteligência emocional entre mulheres cujos parceiros usaram mais estratégias de negociação (não-violentas) do que estratégias violentas em resolução de conflitos e mulheres cujos parceiros usaram mais estratégias violentas do que estratégias de negociação (**objetivo 5**), as participantes foram divididas em grupos de “mais negociação” e de “mais violência” – conforme descrito em *Método* – e foram analisadas em cada faceta estudada por ambos instrumentos de inteligência emocional utilizados. Para isso, foram feitos testes de Mann-Whitney. Para essas análises, também foram consideradas as categorias de tamanho de efeito de Cohen (1988; Lenhard & Lenhard, 2016). Quando detectadas diferenças significativas, foram realizadas análises descritivas de cada faceta para identificar especificamente entre quais variáveis houve a diferença detectada.

RESULTADOS

a. Objetivo 1: Comparar os resultados do perfil de inteligência emocional obtidos por métodos diferentes de avaliação (desempenho e autorrelato)

Foram realizadas análises descritivas com os dados obtidos através do CTS2. Primeiramente, os 78 itens do instrumento foram agrupados em suas categorias correspondentes: agressão psicológica, violência física, coerção sexual, injúria e negociação. Por fim, todos os itens correspondentes às estratégias violentas (isto é, com exceção dos itens de negociação) foram agrupados em categorias de violência menor, violência grave e uma categoria de violência geral. Todas essas categorias ainda foram separadas em: foram praticadas pelas participantes (A) ou foram praticadas por seus parceiros (V). A Tabela 1 mostra a frequência de respostas das participantes em cada categoria, bem como a normalidade dos dados. Como explicado em *Instrumentos*, pode-se afirmar que quanto maior a pontuação em cada categoria, maior foi a frequência dos comportamentos correspondentes.

Tabela 1

Análise descritiva do CTS2

	Média	DP	p Shapiro-Wilk	Mín.	Máx.
AGP_A	8.18	8.97	p<0,01	0.00	35.00
AGP_V	11.08	12.13	p<0,01	0.00	49.00
VF_A	2.31	7.57	p<0,01	0.00	42.00
VF_V	3.86	10.14	p<0,01	0.00	63.00
CS_A	0.88	1.89	p<0,01	0.00	7.00
CS_V	4.19	7.74	p<0,01	0.00	49.00
I_A	1.24	3.39	p<0,01	0.00	21.00
I_V	0.40	1.85	p<0,01	0.00	14.00

Neg_Part.	25.47	7.29	p<0,01	6.00	39.00
Neg_Parc.	21.69	9.02	0.56	0.00	42.00
ViolM_A	10.54	13.13	p<0,01	0.00	70.00
ViolG_A	1.93	4.16	p<0,01	0.00	21.00
ViolM_V	15.25	17.61	p<0,01	0.00	68.00
ViolG_V	4.27	8.54	p<0,01	0.00	42.00
TT_A	12.61	16.75	p<0,01	0.00	91.00
TT_V	19.53	25.06	p<0,01	0.00	105.00

Legenda - AGP: agressão psicológica; VF: violência física; CS: coerção sexual; I: injúria; Neg: Negociação; ViolM: violência menor; ViolG: violência grave; TT: violência geral; A: participante como agressora/praticante; V: participante como vítima/receptora.

A partir dessa tabela, observa-se que para todos os comportamentos violentos, na média, as participantes mais sofreram do que praticaram, com exceção para injúria. Quanto às estratégias de negociação (não-violenta), em média, estas partiram mais das participantes do que de seus parceiros.

Além disso, as análises descritivas constataram que 86% das participantes sofreram algum tipo de violência por parceiro íntimo e 89% delas praticaram alguma forma de violência contra seus parceiros. Entre elas, 81% das participantes sofreram alguma forma de violência psicológica por parte de seus parceiros, 43% sofreram coerção sexual, 37% sofreram algum tipo de violência física, 7% delas sofreram injúria. Dessas participantes, 14% delas não sofreram nenhuma forma de VPI.

Quanto à prática de VPI pelas participantes, observou-se que 83% das participantes praticaram alguma forma de violência psicológica contra seus parceiros. Dessas participantes, 83% delas praticaram alguma forma de violência psicológica contra seus parceiros, 81% praticaram injúrias, 74% cometeram algum tipo de violência física,

outras 74% delas praticaram coerção sexual e 11% delas não praticaram nenhuma forma de VPI. Já, no que se refere a normalidade dos dados, a amostra não segue uma distribuição normal.

Como forma de identificar as respostas das participantes nos dois modelos de instrumentos (autorrelato e desempenho) e compará-las, foram realizadas análises descritivas verificando a média, desvio padrão e mediana dos escores, além das pontuações máximas e mínimas das participantes. Ademais, a análise de normalidade dos dados obtidos através dos instrumentos aplicados permitiu guiar as próximas análises, isto é, determinar se seriam realizadas análises paramétricas ou não-paramétricas. A Tabela 2 apresenta os resultados obtidos nos testes dos instrumentos BIE e ICE.

Tabela 2

Análise descritiva dos instrumentos de IE (BIE e ICE 3.0)

	Média	DP	Mediana	Mín.	Máx.	p Shapiro Wilk	α Cronbach	ω McDonald	GLB
PSi1	40.31	7.82	41.23	22.30	54.23	0.04	0.88	0.88	0.98
PSi2	29.11	4.83	29.30	16.13	40.26	0.37	0.88	0.89	0.97
PO	39.36	4.82	40.74	23.20	49.12	<0,01	0.88	0.88	0.99
CompA	15.06	2.27	15.00	8.00	18.00	<0,01	0.60	0.61	0.82
CompB	9.61	1.49	10.00	6.00	12.00	<0,01	0.29	0.36	0.58
CompT	24.67	3.23	25.00	16.00	30.00	<0,01	0.65	0.66	0.90
RegF1	5.62	1.90	6.00	1.00	9.00	<0,01	0.45	0.45	0.60
RegF2	5.35	1.90	6.00	0.00	9.00	<0,01	0.55	0.51	0.74
Reg_resp	12.60	3.36	13.00	3.00	19.00	0.05	0.67	0.69	0.88
Reg_cons	21.07	1.88	21.00	16.33	28.67	<0,01	0.61	0.62	0.93
F1_REOU	3.67	0.67	3.63	1.75	5.00	0.14	0.83	0.83	0.89
F2_REBP	3.06	0.82	3.14	1.00	4.57	0.26	0.79	0.79	0.86
F3_EE	3.91	0.79	4.00	1.00	5.00	<0,01	0.68	0.71	0.74
F4_PE	4.06	0.60	4.14	2.43	5.00	<0,01	0.73	0.73	0.81
F5_REAP	3.25	0.63	3.25	1.88	4.88	0.41	0.66	0.67	0.78
FG	3.59	0.45	3.57	2.69	4.66	0.38	0.63	0.64	0.73

Legenda – PSi1: Percepção emocional em si fator 1 (contextos situacionais); PSi2: Percepção emocional em si fator 2 (contextos sociais); PO: Percepção emocional em outros; CompA: Bloco A de Compreensão emocional; CompB: Bloco B de Compreensão Emocional; CompT: Compreensão emocional total; RegF1: Regulação emocional fator 1 (estratégias eficazes); RegF2: Regulação emocional fator 2 (estratégias ineficazes); Reg_resp: Regulação emocional total (respostas); Reg_cons: regulação emocional total

(consenso); F1_REOU: Fator 1 do ICE de Regulação emocional em outros; F2_REBP: Fator 2 do ICE de Regulação de emoções de baixa potência; F3_EE: Fator 3 do ICE de Expressividade emocional; F4_PE: Fator 4 do ICE de Percepção Emocional; F5_REAP: Fator 5 do ICE de Regulação de emoções de alta potência; FG: Fator Geral de competências emocionais.

O instrumento de inteligência emocional BIE utiliza o cálculo de suas pontuações por concordância com a maioria, ao comparar a resposta das participantes com as respostas obtidas por consenso da amostra, para os testes de *Regulação* e de *Percepção*. Porém, nesse estudo as análises referentes aos fatores de *Regulação* (fatores 1 e 2) aqui estão dispostas apenas com a média de respostas corretas das participantes, devido ao fato de um dos itens dessa subescala ter sido excluído da coleta acidentalmente, prejudicando a realização do cálculo de consenso como também comparações entre os testes e com estudos anteriores. O fator geral de *Regulação emocional* está disposto tanto com as médias das participantes como também com o cálculo de consenso, a fim de explorar de forma mais ampla esse construto.

Na BIE, observa-se que em todos os testes (Percepção, Compreensão e Regulação) e em seus respectivos subtestes, as médias se aproximaram dos escores máximos obtidos pela amostra. O fator 2 de *regulação emocional* foi único em que a pontuação mínima foi igual a zero.

Para o ICE 3.0, o cálculo das pontuações ocorre considerando a pontuação mínima um ponto e máxima de 5 pontos para cada faceta. Pode-se constatar, dessa forma, que o fator *Percepção emocional (F4)* foi o que obteve a maior média de pontuação (M= 4,09; DP= 0,60) nessa amostra, sendo que a pontuação máxima foi de 5,00 e a mínima de 2,43. Já a faceta que obteve a menor pontuação média foi a de *Regulação de emoções de baixa potência (F2)* (M= 3,06; DP= 0,82), sendo que a pontuação mínima da amostra foi 1,00 e a máxima foi 4,57.

Quanto a normalidade dos dados, parte das variáveis não possui uma distribuição normal, como observado nas duas tabelas anteriores (valores p de Shapiro-Wilk maiores que 0,05), portanto foram utilizados métodos não-paramétricos para as análises inferenciais. No que diz respeito à análise de precisão, vale destacar novamente que três subitens (que compõem um item) da escala de *regulação emocional* da BIE não foram utilizados para essas análises, uma vez que eles foram acidentalmente excluídos da coleta.

Essas análises de precisão permitiram verificar que o ICE (todas as facetas) e as escalas de *percepção emocional em si* (tanto de contextos situacionais quanto de contextos sociais), *percepção em outros* e *regulação emocional* (a escala geral, analisada tanto com as respostas como pelo cálculo de consenso, e cada um dos subtestes) da BIE possuem valores confiáveis em termos de precisão. A escala de *compreensão B* não obteve valores adequados de precisão. Entretanto, decidiu-se manter o fator para as demais análises a critério de exploração e demarcação, caso futuras pesquisas que encontrem precisões aceitáveis cheguem a resultados semelhantes.

b. Objetivo 2: Correlações entre IE e VPI

Aqui, são investigadas as correlações entre inteligência emocional e violência entre parceiros íntimos (**objetivo 2**). As Tabela 3 e 4 (que foram divididas apenas por questão de ajuste à página) mostram as correlações feitas entre as variáveis do CTS2 e as variáveis da BIE e do ICE, isto é, correlações entre VPI e IE.

Tabela 3

Correlações (ρ de Spearman) entre VPI e IE

	ViolM_A	ViolG_A	ViolM_V	ViolG_V	AGP_A	AGP_V	VF_A	VF_V
PSi1	-0.12	-0.12	-0.08	-0.06	-0.13	-0.11	0.06	<0,01

PSi2	-0.03	-0.06	<0,01	0.09	<0,01	-<0,01	-0.01	0.10
PO	-0.07	-0.06	-0.15	-0.05	-0.07	-0.17	0.09	0.02
CompA	-0.30 **	-0.28 **	-0.15	-0.20*	-0.33 ***	-0.26 **	-0.02	-0.02
CompB	-0.16**	-0.16**	-0.03	-0.09	-0.18**	-0.15*	<0,01	0.06
CompT	-0.16	-0.16	-0.03	-0.09	-0.18	-0.15	<0,01	0.06
RegF1	-0.05	-0.16	<0,01	-0.05	-0.05	-0.06	-0.12	0.08
RegF2	-0.10	-0.19	-0.16	-0.20 *	-0.10	-0.17	-0.09	-0.06
Reg_cons	<0,01	0.10	0.08	0.26 *	0.01	0.08	-0.05	0.14
Reg_resp	-0.10	-0.22 *	-0.07	-0.13	-0.09	-0.13	-0.15	0.04
F1_REOU	-0.10	-0.22 *	-0.07	-0.13	-0.09	-0.13	-0.15	0.04
F2_REBP	-0.06	-0.03	-0.15	-0.19	-0.02	-0.16	-0.16	-0.16
F3_EE	0.02	0.02	-0.02	<0,01	0.03	-0.06	0.06	0.07
F4_PE	<0,01	-0.13	-0.09	-0.02	0.06	-0.11	0.03	-0.03
F5_REAP	-0.19	-0.28 **	-0.08	-0.23 *	-0.17	-0.09	-0.19	-0.05
FG	-0.13	-0.13	-0.16	-0.17	-0.09	-0.21 *	-0.12	-0.06

* $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

Legenda - ViolM: violência menor; ViolG: violência grave; AGP: agressão psicológica; VF: violência física; A: participante como agressora/praticante; V: participante como vítima/receptora; PSi1: Percepção emocional em si fator 1 (contextos situacionais); PSi2: Percepção emocional em si fator 2 (contextos sociais); PO: Percepção emocional em outros; CompA: Bloco A de Compreensão emocional; CompB: Bloco B de Compreensão Emocional; CompT: Compreensão emocional total; RegF1: Regulação emocional fator 1 (estratégias eficazes); RegF2: Regulação emocional fator 2 (estratégias ineficazes); Reg_TT: Regulação emocional total; F1_REOU: Fator 1 do ICE de Regulação emocional em outros; F2_REBP: Fator 2 do ICE de Regulação de emoções de baixa potência; F3_EE: Fator 3 do ICE de Expressividade emocional; F4_PE: Fator 4 do ICE de Percepção Emocional; F5_REAP: Fator 5 do ICE de Regulação de emoções de alta potência; FG: Fator Geral de competências emocionais.

Tabela 4

Correlações (ρ de Spearman) entre VPI e IE

	CS_A	CS_V	I_A	I_V	Neg_Part.	Neg_Parc.	TT_A	TT_V
--	------	------	-----	-----	-----------	-----------	------	------

PESi1	-0.18	-0.07	-0.01	<0,01	-0.14	-0.06	-0.14	-0.09
PSi2	-0.06	-0.02	<0,01	0.06	-0.11	-0.05	-0.05	<0,01
PO	-0.04	-0.15	-0.09	0.07	0.01	0.14	-0.09	-0.15
CompA	-0.12	0.03	-0.19	-0.15	0.13	0.20 *	-0.32 **	-0.19
CompB	<0,01	0.09	-0.03	0.01	0.16	0.13	-0.17	-0.07
CompT	<0,01	0.09	-0.03	0.01	0.16	0.13	-0.17**	-0.07
RegF1	-0.10	-0.01	-0.02	-0.04	0.22 *	0.29 **	-0.06	<0,01
RegF2	-0.01	-0.18	-0.15	-0.15	0.17	0.14	-0.13	-0.19
Reg_cons	-0.02	0.23 *	0.03	0.01	0.04	0.05	0.03	0.14
Reg_resp	-0.08	-0.08	-0.12	-0.12	0.25 *	0.27 **	-0.12	-0.09
F1_REOU	-0.08	-0.08	-0.12	-0.12	0.25 *	0.27 **	-0.12	-0.09
F2_REBP	-0.03	-0.10	-0.02	<0,01	<0,01	0.07	-0.06	-0.17
F3_EE	-0.17	-0.10	0.10	-0.05	<0,01	0.02	0.01	-0.02
F4_PE	-0.08	-0.11	-0.15	0.15	0.12	0.18	-0.03	-0.09
F5_REAP	-0.13	-0.13	-0.12	-0.03	0.06	<0,01	-0.20 *	-0.12
FG	-0.14	-0.14	-0.04	<0,01	0.14	0.14	-0.13	-0.18

* p < .05, ** p < .01, *** p < .001

Legenda - CS: coerção sexual; I: injúria; Neg: negociação; TT: violência entre parceiros geral; A: participante como agressora/praticante; V: participante como vítima/receptora; PSi1: Percepção emocional em si fator 1 (contextos situacionais); PSi2: Percepção emocional em si fator 2 (contextos sociais); PO: Percepção emocional em outros; CompA: Bloco A de Compreensão emocional; CompB: Bloco B de Compreensão Emocional; CompT: Compreensão emocional total; RegF1: Regulação emocional fator 1 (estratégias eficazes); RegF2: Regulação emocional fator 2 (estratégias ineficazes); Reg_TT: Regulação emocional total; F1_REOU: Fator 1 do ICE de Regulação emocional em outros; F2_REBP: Fator 2 do ICE de Regulação de emoções de baixa potência; F3_EE: Fator 3 do ICE de Expressividade emocional; F4_PE: Fator 4 do ICE de Percepção Emocional; F5_REAP: Fator 5 do ICE de Regulação de emoções de alta potência; FG: Fator Geral de competências emocionais.

Observa-se que houve as seguintes correlações significativas analisando a variável de *compreensão emocional* (itens do bloco A): correlação negativa moderada com violência menor praticada pelas participantes ($\rho = -0,30$), correlação negativa fraca com

violência grave praticada pelas participantes ($\rho = -0,28$), bem como sofrida pela participante ($\rho = 0,20$), correlação negativa moderada com agressão psicológica praticada pelas participantes ($\rho = -0,33$), correlação negativa fraca com agressão psicológica sofrida pelas participantes ($\rho = -0,26$), correlação positiva fraca com tática de negociação recebida pelas participantes ($\rho = 0,20$), e correlação negativa moderada com violência geral praticada pelas participantes ($\rho = -0,32$). Pode-se observar as seguintes correlações significativas com *compreensão emocional* geral: correlação negativa fraca com violência menor praticada pelas participantes ($\rho = -0,28$), correlação negativa fraca com violência grave praticada pelas participantes ($\rho = -0,28$), correlação negativa moderada com agressão psicológica praticada pelas participantes ($\rho = -0,32$), correlação negativa fraca com agressão psicológica sofrida pelas participantes ($\rho = -0,24$) e correlação negativa fraca com violência geral praticada pelas participantes ($\rho = -0,29$).

Para a amostra estudada, houve correlação significativa positiva fraca entre estratégias eficazes de *regulação emocional* e táticas de negociação praticadas pelas participantes ($\rho = 0,22$) como também recebidas pelas participantes ($\rho = 0,29$). Já para as estratégias ineficazes de *regulação emocional*, apenas uma correlação significativa negativa fraca entre estratégias ineficazes referente à violência grave sofrida pelas participantes ($\rho = -0,20$).

Quanto às respostas por consenso em *regulação emocional*, foram encontradas correlações significativas positivas fracas entre estratégias gerais de regulação emocional e violência grave sofrida pelas participantes ($\rho = 0,26$; $p = 0,01$) e coerção sexual sofrida pelas participantes ($\rho = 0,23$; $p = 0,02$). Já para as respostas sem o cálculo de consenso de *regulação emocional*, observa-se que houve uma correlação significativa negativa fraca entre regulação emocional e violência grave praticada pela participante ($\rho = -0,22$; $p = 0,03$). Também houve correlações significativas positivas fracas entre regulação

emocional e táticas de negociação das participantes ($\rho = 0,25$) e de seus parceiros ($\rho = 0,27$).

Para as facetas do ICE, observou-se nesta análise uma correlação significativa negativa fraca entre agressão psicológica sofrida pelas participantes ($\rho = -0,20$) e *regulação emocional em outros*, bem como uma correlação positiva fraca entre esta variável e táticas de negociação praticadas pelas participantes ($\rho = 0,24$). Também foram encontradas correlações significativas negativas fracas entre *regulação de emoções de alta potência* e violência grave praticada pelas participantes ($\rho = -0,28$), tal qual a sofrida pelas participantes ($\rho = -0,23$). Ademais, para essa amostra, há uma correlação significativa negativa fraca entre *competências emocionais* gerais e agressão psicológica sofrida pelas participantes ($\rho = -0,21$). A fim de auxiliar a visualização dos resultados de correlação, a Tabela 5 abaixo apresenta apenas as correlações significativas encontradas.

Tabela 5

Correlações significativas entre IE e VPI

Construto IE	Correlação	Magnitude ¹	Praticada pelas participantes	Praticada pelos parceiros
Compreensão (Bloco A)	Negativa	Moderada	Viol. menor Ag. Psic Viol. geral	- - -
		Fraca	Viol. grave -	Viol. grave Ag. Psic.
	Positiva	Fraca	-	Negociação
Compreensão geral	Negativa	Fraca	Viol. menor Viol. grave - Viol. geral	- - Ag. Psic -
		Moderada	Ag. Psic.	-
Regulação (fator 1 - eficaz)	Positiva	Fraca	Negociação	Negociação
Regulação (fator 2 - ineficaz)	Negativa	Fraca	-	Viol. grave
Regulação total (consenso)	Positiva	Fraca	- -	Viol. grave Coerção sexual
Regulação total (respostas)	Negativa	Fraca	Viol. grave	-
	Positiva	Fraca	Negociação	Negociação

Regulação em outros	Negativa	Fraca	-	Ag. Psic.
	Positiva	Fraca	Negociação	-
Reg.de emoções de alta pot.	Negativa	Fraca	Viol. grave	Viol. grave
Competências gerais	Negativa	Fraca	-	Ag. Psic.

1 Referência - Dancey, Mclean & Monshipouri (2011): relação não considerável (de 0,00 a 0,19), relação fraca (de 0,20 a 0,29), relação moderada (de 0,30 a 0,39), forte (de 0,40 a 0,69) e muito forte (de 0,70 a 1,00).

c. Objetivos 3 e 4: Inteligência emocional e agressão psicológica

Em seguida, foram realizadas as análises para verificar se há diferenças de inteligência emocional entre grupos de agressão psicológica sofrida pelas participantes (**objetivo 3**). A Tabela 6 apresenta os resultados encontrados nas análises dos grupos de agressão psicológica sofrida e as variáveis da BIE e ICE.

Tabela 6

Grupos de agressão psicológica sofrida nos testes de IE

Ag. Psicológica (V)	IE	N	Média	DP	F	P
Ag. Psic. + Outras	PSi1	54	39.74	8.12	1.02	0.39
Apenas Ag. Psic.	PSi1	27	40.05	7.80		
Nenhuma violência	PSi1	14	43.62	6.38		
Sem Ag. Psic. com outras	PSi1	5	38.60	8.22		
Ag. Psic. + Outras	PSi2	54	28.82	5.24	0.49	0.70
Apenas Ag. Psic.	PSi2	27	29.71	4.69		
Nenhuma violência	PSi2	14	29.68	3.41		
Sem Ag. Psic. com outras	PSi2	5	27.32	4.85		
Ag. Psic. + Outras	PO	54	39.04	4.96	1.75	0.24
Apenas Ag. Psic.	PO	27	38.78	5.17		
Nenhuma violência	PO	14	42.03	2.89		
Sem Ag. Psic. com outras	PO	5	38.36	4.36		
Ag. Psic. + Outras	CompA	54	14.91	2.54	1.64	0.12
Apenas Ag. Psic.	CompA	27	14.67	1.90		

Nenhuma violência	CompA	14	15.93	1.82		
Sem Ag. Psic. com outras	CompA	5	16.40	1.34		
Ag. Psic. + Outras	CompB	54	9.78	1.42		
Apenas Ag. Psic.	CompB	27	9.11	1.63	1.47	0.31
Nenhuma violência	CompB	14	9.93	1.38		
Sem Ag. Psic. com outras	CompB	5	9.60	1.52		
Ag. Psic. + Outras	CompTT	54	24.69	3.47		
Apenas Ag. Psic.	CompTT	27	23.78	3.13	1.63	0.17
Nenhuma violência	CompTT	14	25.86	2.32		
Sem Ag. Psic. com outras	CompTT	5	26.00	2.12		
Ag. Psic. + Outras	Reg1	54	5.54	1.88		
Apenas Ag. Psic.	Reg1	27	5.48	1.97	0.59	0.63
Nenhuma violência	Reg1	14	5.86	2.03		
Sem Ag. Psic. com outras	Reg1	5	6.60	1.52		
Ag. Psic. + Outras	Reg2	54	5.00	1.95		
Apenas Ag. Psic.	Reg2	27	5.52	1.91	1.90	0.21
Nenhuma violência	Reg2	14	6.29	1.33		
Sem Ag. Psic. com outras	Reg2	5	5.60	2.07		
Ag. Psic. + Outras	Reg_resp	54	12.15	3.24		
Apenas Ag. Psic.	Reg_resp	27	12.70	3.85	1.10	0.43
Nenhuma violência	Reg_resp	14	13.57	2.56		
Sem Ag. Psic. com outras	Reg_resp	5	14.20	3.70		
Ag. Psic. + Outras	Reg_cons	54	21.28	2.15		
Apenas Ag. Psic.	Reg_cons	27	20.79	1.45	0.63	0.43
Nenhuma violência	Reg_cons	14	20.71	1.68		
Sem Ag. Psic. com outras	Reg_cons	5	21.40	0.98		
Ag. Psic. + Outras	REOU	54	3.59	0.71		
Apenas Ag. Psic.	REOU	27	3.60	0.54	2.60	0.09
Nenhuma violência	REOU	14	3.81	0.68		
Sem Ag. Psic. com outras	REOU	5	4.40	0.60		
Ag. Psic. + Outras	REBP	54	3.01	0.76	0.76	0.51

Apenas Ag. Psic.	REBP	27	2.98	0.87		
Nenhuma violência	REBP	14	3.29	0.91		
Sem Ag. Psic. com outras	REBP	5	3.37	0.90		
Ag. Psic. + Outras	EE	54	3.81	0.86		
Apenas Ag. Psic.	EE	27	4.07	0.79	0.65	0.55
Nenhuma violência	EE	14	3.95	0.43		
Sem Ag. Psic. com outras	EE	5	3.95	0.84		
Ag. Psic. + Outras	PE	54	3.99	0.58		
Apenas Ag. Psic.	PE	27	4.07	0.59	0.98	0.30
Nenhuma violência	PE	14	4.29	0.72		
Sem Ag. Psic. com outras	PE	5	4.20	0.41		
Ag. Psic. + Outras	REAP	54	3.20	0.59		
Apenas Ag. Psic.	REAP	27	3.29	0.73	0.97	0.40
Nenhuma violência	REAP	14	3.47	0.61		
Sem Ag. Psic. com outras	REAP	5	3.00	0.44		
Ag. Psic. + Outras	FG	54	3.52	0.43		
Apenas Ag. Psic.	FG	27	3.60	0.48	1.42	0.27
Nenhuma violência	FG	14	3.76	0.44		
Sem Ag. Psic. com outras	FG	5	3.79	0.47		

* $p < 0.05$

Legenda - PSi1: Percepção emocional em si fator 1 (contextos situacionais); PSi2: Percepção emocional em si fator 2 (contextos sociais); PO: Percepção emocional em outros; CompA: Bloco A de Compreensão emocional; CompB: Bloco B de Compreensão Emocional; CompT: Compreensão emocional total; RegF1: Regulação emocional fator 1 (estratégias eficazes); RegF2: Regulação emocional fator 2 (estratégias ineficazes); Reg_TT: Regulação emocional total; F1_REOU: Fator 1 do ICE de Regulação emocional em outros; F2_REBP: Fator 2 do ICE de Regulação de emoções de baixa potência; F3_EE: Fator 3 do ICE de Expressividade emocional; F4_PE: Fator 4 do ICE de Percepção Emocional; F5_REAP: Fator 5 do ICE de Regulação de emoções de alta potência; FG: Fator Geral de competências emocionais.

Observa-se que não foram encontradas diferenças significativas para os grupos de agressão psicológica sofrida. A faceta do ICE *regulação emocional em outros* obteve um valor de p próximo do nível de significância, portanto foram realizados testes post-hoc

do tipo Dunn com a correção de Bonferroni para identificar se ocorre alguma diferença significativa. A Tabela 7 mostra os resultados dessa análise.

Tabela 7

Comparação entre grupos de agressão psicológica sofrida no teste de regulação emocional em outros – Post-hoc Dunn

Comparações	z	W_i	W_j	p	p_{bonf}
Apenas Ag. Psic. - Ag. Psic. + Outras	-0.14	47.07	48.04	0.44	1.00
Apenas Ag. Psic. - Sem Ag. Psic. com outras	-2.33	47.07	79.90	<0.01*	0.06
Apenas Ag. Psic. - Nenhuma violência	-0.95	47.07	56.11	0.17	1.00
Ag. Psic. + Outras - Sem Ag. Psic. com outras	-2.35	48.04	79.90	<0.01*	0.06
Ag. Psic. + Outras - Nenhuma violência	-0.93	48.04	56.11	0.18	1.00
Sem Ag. Psic. com outras - Nenhuma violência	1.58	79.90	56.11	0.06	0.34

A partir dessa comparação, pode-se observar que não há diferenças significativas, considerando o valor de p corrigido. Uma análise semelhante foi realizada para verificar os grupos de agressão psicológica praticada pelas participantes (**objetivo 4**). A Tabela 8 apresenta os resultados encontrados nas análises dos grupos de agressão psicológica praticada nos testes de inteligência emocional, BIE e ICE.

Tabela 8

Grupos de agressão psicológica praticada nos testes de IE

Ag. Psicológica (V)	IE	N	Média	DP	F	P
Ag. Psic. + Outras	PSi1	48	39.57	7.78		
Apenas Ag. Psic.	PSi1	35	41.74	7.20	0.86	0.46
Nenhuma violência	PSi1	11	38.21	7.23		

Sem Ag. Psic. com outras	PSi1	6	41.75	12.39		
Ag. Psic. + Outras	PSi2	48	29.37	4.74		
Apenas Ag. Psic.	PSi2	35	29.20	5.37	1.35	0.26
Nenhuma violência	PSi2	11	29.73	2.80		
Sem Ag. Psic. com outras	PSi2	6	25.33	4.52		
Ag. Psic. + Outras	PO	48	39.54	5.12		
Apenas Ag. Psic.	PO	35	38.90	4.11	0.81	0.60
Nenhuma violência	PO	11	40.97	3.16		
Sem Ag. Psic. com outras	PO	6	37.56	8.23		
Ag. Psic. + Outras	CompA	48	14.48	2.48		
Apenas Ag. Psic.	CompA	35	15.17	1.92	3.97	<0.01*
Nenhuma violência	CompA	11	16.91	1.38		
Sem Ag. Psic. com outras	CompA	6	15.67	2.07		
Ag. Psic. + Outras	CompB	48	9.46	1.46		
Apenas Ag. Psic.	CompB	35	9.69	1.55	0.91	0.38
Nenhuma violência	CompB	11	9.55	1.44		
Sem Ag. Psic. com outras	CompB	6	10.50	1.52		
Ag. Psic. + Outras	CompTT	48	23.94	3.44		
Apenas Ag. Psic.	CompTT	35	24.86	3.00	2.52	0.06
Nenhuma violência	CompTT	11	26.45	2.11		
Sem Ag. Psic. com outras	CompTT	6	26.17	3.13		
Ag. Psic. + Outras	Reg1	48	5.33	1.86		
Apenas Ag. Psic.	Reg1	35	5.80	1.97	0.94	0.41
Nenhuma violência	Reg1	11	5.82	1.99		
Sem Ag. Psic. com outras	Reg1	6	6.50	1.64		
Ag. Psic. + Outras	Reg2	48	5.25	1.95		
Apenas Ag. Psic.	Reg2	35	5.26	1.77	1.60	0.24
Nenhuma violência	Reg2	11	6.45	1.51		
Sem Ag. Psic. com outras	Reg2	6	4.67	2.50		
Ag. Psic. + Outras	Reg_resp	48	12.17	3.08		
Apenas Ag. Psic.	Reg_resp	35	12.83	3.70	0.67	0.50

Nenhuma violência	Reg_resp	11	13.64	2.91		
Sem Ag. Psic. com outras	Reg_resp	6	12.83	4.54		
Ag. Psic. + Outras	Reg_cons	48	20.86	2.04		
Apenas Ag. Psic.	Reg_cons	35	21.29	1.56	1.83	0.18
Nenhuma violência	Reg_cons	11	20.57	1.27		
Sem Ag. Psic. com outras	Reg_cons	6	22.50	2.65		
Ag. Psic. + Outras	REOU	48	3.60	0.64		
Apenas Ag. Psic.	REOU	35	3.72	0.70	0.37	0.76
Nenhuma violência	REOU	11	3.81	0.68		
Sem Ag. Psic. com outras	REOU	6	3.61	0.93		
Ag. Psic. + Outras	REBP	48	3.01	0.83		
Apenas Ag. Psic.	REBP	35	3.13	0.84	0.31	0.72
Nenhuma violência	REBP	11	3.16	0.80		
Sem Ag. Psic. com outras	REBP	6	2.86	0.73		
Ag. Psic. + Outras	EE	48	3.88	0.87		
Apenas Ag. Psic.	EE	35	3.93	0.78	0.07	1.00
Nenhuma violência	EE	11	3.98	0.47		
Sem Ag. Psic. com outras	EE	6	3.96	0.89		
Ag. Psic. + Outras	PE	48	4.05	0.56		
Apenas Ag. Psic.	PE	35	4.16	0.56	1.01	0.72
Nenhuma violência	PE	11	4.03	0.75		
Sem Ag. Psic. com outras	PE	6	3.71	0.85		
Ag. Psic. + Outras	REAP	48	3.15	0.57		
Apenas Ag. Psic.	REAP	35	3.37	0.73	1.20	0.34
Nenhuma violência	REAP	11	3.42	0.54		
Sem Ag. Psic. com outras	REAP	6	3.11	0.53		
Ag. Psic. + Outras	FG	48	3.54	0.42		
Apenas Ag. Psic.	FG	35	3.66	0.49	0.83	0.56
Nenhuma violência	FG	11	3.68	0.41		
Sem Ag. Psic. com outras	FG	6	3.45	0.52		

* $p < 0.05$

Foi observada diferença significativa no teste de *compreensão emocional* (bloco A) ($p < 0,01$). No teste de *compreensão emocional* (total) houve um valor de p próximo a significância ($p = 0,06$). A fim de verificar entre quais grupos especificamente ocorreu estas diferenças, foi realizada uma análise de comparação (*post-hoc* do tipo Dunn) para esses subtestes. Os resultados desta análise estão dispostos na Tabela 9.

Tabela 9

Comparação entre grupos de agressão psicológica praticada no teste de compreensão emocional (bloco A) no teste de compreensão emocional (total)

Compreensão emocional (bloco A)					
Comparações	z	W_i	W_j	p	p_{bonf}
Apenas Ag. Psic. - Ag. Psic. + Outras	1.00	50.21	43.88	0.16	0.95
Apenas Ag. Psic. - Sem Ag. Psic. com outras	-0.52	50.21	56.83	0.30	1.00
Apenas Ag. Psic. - Nenhuma violência	-2.70	50.21	76.86	<0.01*	0.02*
Ag. Psic. + Outras - Sem Ag. Psic. com outras	-1.05	43.88	56.83	0.15	0.88
Ag. Psic. + Outras - Nenhuma violência	-3.45	43.88	76.86	<0.01*	<0.01*
Sem Ag. Psic. com outras - Nenhuma violência	-1.38	56.83	76.86	0.08	0.50
Compreensão emocional total					
Apenas Ag. Psic. - Ag. Psic. + Outras	1.23	51.94	44.03	0.11	0.65
Apenas Ag. Psic. - Sem Ag. Psic. com outras	-0.88	51.94	63.17	0.19	1.00
Apenas Ag. Psic. - Nenhuma violência	-1.53	51.94	67.23	0.06	0.38
Ag. Psic. + Outras - Sem Ag. Psic. com outras	-1.53	44.03	63.17	0.06	0.38
Ag. Psic. + Outras - Nenhuma violência	-2.41	44.03	67.23	<0.01*	0.05*
Sem Ag. Psic. com outras - Nenhuma violência	-0.28	63.17	67.23	0.39	1.00

* $p < 0.05$

Parta o teste de *compreensão emocional* (bloco A), observou-se diferenças estatisticamente significativas de efeito moderado entre o grupo que não praticou nenhuma violência e os seguintes grupos: o que praticou apenas agressão psicológica ($p = 0,02$; $d = 0,56$), e o grupo que praticou outras formas de violência além de agressão psicológica ($p < 0,01$, $d = 0,73$). Em ambos os casos, o grupo que não praticou violência

pontuou mais no teste em questão do que os demais grupos. Ou seja, as participantes que não cometeram violência obtiveram maior escore no teste de *compreensão emocional* (bloco A) no teste de desempenho (BIE) do que participantes que cometeram agressão psicológica (com ou sem outras formas de violência).

Já para o teste de *compreensão emocional* total, uma diferença significativa com efeito pequeno foi encontrada entre o grupo que não praticou nenhuma forma de violência e o grupo que praticou agressão psicológica e outras violências ($p= 0,05$; $d= 0,49$), sendo que este pontuou menos que o grupo sem violência. Vale destacar também que, nesse teste, os grupos que não praticaram violência e que não praticou violência psicológica (mas sim outras violências) tiveram uma variação mínima de escores entre si ($p= 1,00$). Sendo assim, pode-se afirmar que as participantes que não praticaram violência pontuaram mais que o grupo que praticou várias formas de violência além da psicológica, e pontuou o mesmo que participantes que não praticaram agressão psicológica no teste de *compreensão emocional* total no teste de autorrelato (BIE).

d. Objetivo 5: Estratégias de negociação x violentas por parte dos parceiros e inteligência emocional das participantes

Em seguida, foram feitas análises para investigar se há diferença de inteligência emocional entre grupos de participantes cujos parceiros usaram mais táticas de negociação e cujos parceiros usaram mais táticas violentas (**objetivo 5**). Primeiramente, é importante ressaltar que não foram feitas o mesmo tipo de análise considerando as atitudes das próprias participantes, isto é, se as participantes usaram mais de táticas de negociação ou de violência para com seus parceiros, pois a diferença de participantes em cada grupo seria muito grande: haveria 93 participantes no grupo “mais negociação” e

apenas 7 no grupo “mais violência”. Estão dispostos na Tabela 9 os resultados obtidos da análise de grupos de negociação e violência por parte do parceiro das participantes.

Tabela 10

Diferenças de inteligência emocional entre grupos de negociação x violência (parceiro)

	w	p	d
PESi_1	950.00	0.92	0.01
PESi_2	868.50	0.59	-0.07
PEOu	1069.00	0.30	0.14
CompA	1108.50	0.17	0.18
CompB	940.00	0.99	<0,01
CompTT	1029.50	0.46	0.10
Reg_1	1158.00	0.08	0.24
Reg_2	1175.00	0.05 *	0.25
Reg_TT	1205.50	0.03 *	0.29
Regu_TT	838.00	0.43	-0.11
F1_REOU	1085.00	0.24	0.16
F2_REBP	1173.50	0.06	0.25
F3_EE	915.00	0.86	-0.02
F4_PE	973.50	0.78	0.04
F5_REAP	1016.50	0.53	0.08
FG	1084.00	0.25	0.16

Legenda - PeSi1: Percepção emocional em si fator 1 (contextos situacionais); PeSi2: Percepção emocional em si fator 2 (contextos sociais); PEOu: Percepção emocional em outros; CompA: Bloco A de Compreensão emocional; CompB: Bloco B de Compreensão Emocional; CompTT: Compreensão emocional total; Reg_1: Regulação emocional fator 1 (estratégias eficazes); Reg_2: Regulação emocional fator 2 (estratégias ineficazes); Reg_TT: Regulação emocional total (respostas sem ponderação); Regu_TT: Regulação emocional total (ponderação); F1_REOU: Fator 1 Regulação emocional em outros; F2_REBP: Fator 2 Regulação de emoções de baixa potência; F3_EE: Fator 3 Expressividade emocional; F4_PE: Fator 4 Percepção Emocional; F5_REAP: Fator 5 Regulação de emoções de alta potência; FG: Fator Geral de competências emocionais.

Como foram observadas diferenças nas facetas de estratégias ineficazes de regulação emocional ($p= 0,05$) e regulação emocional geral (sem o cálculo de

ponderação) ($p= 0,03$), foram feitas análises descritivas para identificar essas diferenças. Os resultados estão apresentados na Tabela 10 a seguir.

Tabela 11

Análises descritivas das diferenças significativas entre grupos de negociação e violência (parceiro)

Faceta	Grupo	N	Média	DP
Reg_2	Mais negociação	75	5.60	1.78
	Mais violência	25	4.60	2.08
Reg_TT	Mais negociação	75	13.05	3.22
	Mais violência	25	11.24	3.49

Legenda - Reg_2: Regulação emocional fator 2 (estratégias ineficazes);

Reg_TT: Regulação emocional total (respostas sem ponderação).

Analisando esses resultados, pode-se observar que para ambas as facetas, o grupo cujo parceiro usou mais de táticas de negociação possuem uma média maior em suas repostas nos testes. O tamanho do efeito dessas diferenças é considerado como pequeno ($d= 0,25$ e $0,23$ para regulação emocional ineficaz e regulação emocional total, respectivamente).

DISCUSSÃO

O objetivo geral desse estudo foi investigar aspectos da inteligência emocional em mulheres que relatam terem sido vitimadas por qualquer tipo de violência por parceiro íntimo, bem como em mulheres que relatam terem praticado alguma forma de violência contra seus parceiros íntimos. Para isso, o objetivo geral foi dividido em cinco objetivos específicos. O primeiro, consiste em averiguar os comportamentos de VPI (praticados e sofridos) na amostra e comparar os resultados do perfil de inteligência emocional obtidos por métodos diferentes de avaliação (desempenho e autorrelato). O segundo objetivo foi verificar a correlação entre inteligência emocional e estratégias violentas e não violentas

de resolução de conflito entre casais compostos pelas participantes. O terceiro e quarto objetivos consistiram em examinar se há diferenças na inteligência emocional entre os grupos de agressão psicológica sofrida (objetivo 3) e praticada (objetivo 4) pelas participantes. Finalmente, o quinto objetivo foi averiguar se há diferenças de inteligência emocional entre mulheres cujos parceiros usaram mais estratégias de negociação (não-violentas) do que estratégias violentas em resolução de conflitos e mulheres cujos parceiros usaram mais estratégias violentas do que estratégias de negociação.

As análises descritivas do CTS, para a averiguação do perfil das práticas de VPI na amostra (objetivo 1), permitiram constatar que mais participantes praticaram (89%) do que sofreram (86%) VPI. Essa constatação corrobora o achado de Freire (2019) sobre respostas emocionais à violência tenderem a ser violentas também, o que indica que geralmente um relacionamento é violento por ambas as partes. Além disso, a alta frequência de táticas violentas por parte das mulheres poderia ser explicada por se tratar majoritariamente de uma amostra com alto grau de escolarização (principalmente universitária), o que pode proporcionar maior contato com movimentos feministas e conseqüentemente menor passividade diante um relacionamento violento. Essa ligação da prática de violência por mulheres e escolaridade superior também apareceu em um estudo realizado por Gover em 2006. Ademais, é importante destacar que os dados coletados se referem ao período de pico da Pandemia de COVID-19 e das medidas de restrições de contato social, que proporcionaram alguns reflexos no aumento do estresse pessoal e, conseqüentemente, da violência doméstica (Martelo, 2020; Valente & Rodrigues, 2021; Ferreira, 2021).

Apesar disso, percebeu-se que a frequência, em média, e a gravidade (esta observada na média da frequência da variável *violência grave*) foram maiores quando praticadas contra as mulheres. Esse achado corrobora o que foi encontrado na literatura

sobre violência por parceiro íntimo se misturar muitas vezes com a violência contra as mulheres, por se tratar de uma prática que as afeta majoritariamente em termos de frequência e gravidade (Ministério da Saúde, 2020; Lindner et al., 2015; Silva & Azeredo, 2019), o que levou a criação de medidas especiais a essa população, como a Lei Maria da Penha (Lei 11.340) e a Lei do Feminicídio (Lei 13.104) no Brasil.

Nessa amostra, a exceção dessa averiguação ocorre na análise da frequência da injúria, que para os homens, em média, foi mais frequente. Isso poderia ser explicado por algumas participantes terem optado por assinalar alguns itens que consideraram ambíguos, no sentido de poderem tratar de saúde física ou saúde emocional (como o item 32 “*Ele foi ao médico/serviço de saúde por causa de uma briga comigo*” e o item 72 “*Ele sentiu dores no corpo no dia seguinte por causa de uma briga comigo*”). Nesses casos, algumas participantes afirmaram, ao responder a escala, que assinalariam por se tratar de serviços de saúde como psicoterapia ou dores ocasionadas por desgaste emocional (psicossomática), situações que já ocorreram com seus parceiros. Ainda assim, essa diferença entre os gêneros é uma importante constatação do presente estudo.

A análise do CTS também permitiu identificar a agressão psicológica como a forma mais frequente de VPI, em média – tanto praticada quanto sofrida pelas participantes. Isso pode ser explicado por se tratar da forma mais sutil de violência (e geralmente negligenciada ou banalizada), como apontado por Garcia et al. (2008).

Sobre a segunda parte do primeiro objetivo, é importante lembrar que as análises descritivas dos testes de Regulação Emocional da BIE foram razoavelmente prejudicadas pelo fato de uma das histórias que compõem esse teste ter sido acidentalmente excluída das coletas, como já foi explicado anteriormente. Esse fato impossibilitou comparações com estudos anteriores. Mesmo assim, os escores da faceta da *regulação emocional* foram mantidos para as análises inferenciais, contudo exigem cuidado ao serem avaliados.

Já o teste de Percepção da BIE obteve em todos os subtestes médias próximas a médias de amostras estudadas em outros trabalhos que utilizaram o mesmo teste (Costa, 2020; Ferrari, 2020; Nagae, 2021). O teste de Compreensão emocional, apesar de ter obtido níveis de precisão inaceitáveis, foi mantido nas análises por questão de exploração e demarcação, caso futuras pesquisas que encontrem precisões aceitáveis cheguem a resultados semelhantes. Ainda assim, as médias obtidas em cada subteste dessa faceta também foi semelhante às amostras de outros estudos que aplicaram o teste de Compreensão Emocional (Ferrari, 2020; Costa, 2020).

Já no que diz respeito às análises do ICE, quando se compara os resultados obtidos com amostras de estudos que também utilizaram o ICE (Bueno et. al, 2015; Costa, 2020), constata-se que eles são similares entre si. As amostras comparadas também encontraram a maior média na faceta *Percepção de emoções* e a menor na faceta *Regulação das emoções de baixa potência*. As demais médias obtidas nesse instrumento também estão próximas às obtidas nos estudos anteriores mencionados.

Em ambos os instrumentos, tanto de autorrelato quanto de desempenho, as médias em cada subteste foram mais próximas a pontuação máxima do que mínima. Vale ressaltar que, pelo fato de as análises terem sido feitas por médias, essa comparação entre os instrumentos é válida, nesse caso. Esse achado pode sugerir que os resultados encontrados nos dois instrumentos foram semelhantes, diferentemente do que é apontado na literatura (Gardner & Qualter, 2009; Goldenberg, Matheson & Mantler, 2006; Costa & Faria, 2014; Costa, 2020) ao discutir as diferenças entre resultados encontrados via formatos distintos, desempenho e autorrelato, de testes que avaliam a IE.

Ao efetuar as análises inferenciais de correlação, para verificar a relação entre inteligência emocional e violência por parceiro íntimo, vários resultados foram encontrados e eles foram dispostos de forma resumida na Tabela 5 em *Resultados*. De

forma geral, as análises indicaram correlações significativas para as facetas referentes à Compreensão Emocional e Regulação Emocional, tanto para as variáveis obtidas pela BIE quanto pelo ICE – ou seja, somente as facetas referentes à Percepção (na BIE e no ICE) e à Expressividade (no ICE) não tiveram correlações significativas com a VPI. Essa constatação remete aos resultados encontrados por Ratliff (2017) que notou uma diferença significativa no escore de compreensão emocional entre pessoas que sofreram violência doméstica e a amostra normativa no teste de desempenho MSCEIT, através de uma análise de diferença de médias, o que pode indicar que há uma associação entre essa faceta da IE e a vitimização.

Tsirigotis e Łuczak (2015) também constataram em seu estudo diferenças de escore entre mulheres que experienciaram violência doméstica e a amostra normativa no fator correspondente à compreensão emocional de um teste de autorrelato. Hernández (2020) e Fernández-González et. al (2018) encontraram em seus respectivos estudos uma correlação negativa entre a violência e o fator *clareza*, que é a faceta correspondente à compreensão das emoções em modelos de IE como traço de personalidade, assim como entre violência e o fator *reparo*, correspondente à regulação das emoções no modelo de traço. Gómez et al. (2011), também por teste de autorrelato, constatou que mulheres vitimizadas que não participaram de uma intervenção sobre IE mantiveram os níveis de compreensão e regulação emocional baixos. Essas averiguações citadas também podem remeter aos resultados sobre compreensão e regulação emocional encontrados no presente estudo – apesar de os resultados referentes a compreensão neste estudo terem sido obtidos somente por meio do teste de desempenho (que avalia a IE como uma habilidade). De forma geral, esses dados sugerem que compreender a emoção que está sentindo, a transição ente uma emoção e outra, ter a habilidade em lidar com as emoções parece estar relacionado com menos práticas de violência.

Analisando os dados encontrados nas facetas correspondentes à *regulação emocional*, as correlações observadas com a ocorrência de violência foram semelhantes entre si em ambos os testes: quase todas foram de magnitude baixa e se correlacionaram negativamente a estratégias violentas e positivamente a estratégias não-violentas. Esse achado também sugere que os resultados dos dois instrumentos, ao contrário do que é apontado na literatura (Gardner & Qualter, 2009; Goldenberg, Matheson & Mantler, 2006; Costa & Faria, 2014; Costa, 2020), foram semelhantes e poderiam ser comparáveis entre si no presente estudo para complementariedade de informações.

A exceção ocorre para o escore calculado por consenso de *regulação emocional* que se correlacionou positivamente com estratégias violentas (coerção sexual e violência grave sofridas pelas participantes). Isso pode ser explicado talvez pelo prejuízo que esse cálculo carrega devido ao erro na coleta (que excluiu uma das histórias referentes a esse teste), isto é, pode se tratar de uma constatação equivocada. Por outro lado, esse achado pode estar relacionado às limitações dos testes psicológicos, destacadas por Mayer, Salovey e Caruso (2016), isto é, o fato de que reconhecer que formas inteligentes de solucionar problemas nos testes não correspondem necessariamente a comportamentos inteligentes na prática. De qualquer maneira, é preciso analisar com cautela esse dado.

O fato de a faceta de Percepção Emocional não ter obtido nenhuma correlação, tanto no instrumento de autorrelato quanto de desempenho, poderia ser explicado pela complexidade de um relacionamento abusivo. Por mais que percebam os prejuízos emocionais envolvidos na relação, isso não seria uma habilidade suficiente para evitar as práticas violentas ou para se proteger delas. Entretanto, é preciso ter cuidado ao analisar essa averiguação, uma vez que estudos anteriores observam associações entre violência e essa faceta em questão (Tsirigotis e Łuczak, 2015; Ratliff, 2017; Silva, 2012; Rodrigues, 2016; Fernández-González et al., 2018; Gómez et al., 2019).

O fator de competências emocionais gerais também obteve uma correlação significativa negativa (porém fraca) com a VPI, mais especificamente com a agressão psicológica sofrida pelas participantes. Esse resultado também remete ao estudo de Tsirigotis e Łuczak (2015) que também indica uma associação da IE geral com a vitimização, assim como Silva (2012), Rodrigues (2016), Whitney (2019), Herreño e Castelblanco (2019) e Ghasemi (2011), que notaram a relação entre a IE geral e a VPI. Storlaski et al. (2017), Monteiro e Balogun (2015), Zeidner e Kloda (2012), Novas et al. (2011), Alonso-Ferres et al. (2019) também constaram essa associação entre IE geral e estratégias mais adequadas de resolução de conflitos, que podem ser entendidas como estratégias não-violentas em alguns casos.

Ainda sobre as correlações entre IE e VPI, também pode-se observar que as correlações supracitadas ocorreram quase exclusivamente em variáveis de soma de frequências de VPI (isto é, violência geral ou violência menor e grave) e em agressão psicológica. A exceção ocorreu, novamente, para o fator de *regulação emocional* calculado por consenso, que se correlacionou com coerção sexual. Mais uma vez, é uma constatação que deve ser analisada com cautela devido a problemática desse fator na presente pesquisa (exclusão acidental de um dos itens na aplicação). Porém que também pode ser um achado considerável, tendo em vista que essa faceta envolve a habilidade de manipulação, uma vez que está relacionada à capacidade de gerenciar emoções próprias e alheias a fim de alcançar um resultado desejado (Mayer, Caruso & Salovey, 2016). Além disso, Ghasemi et al. (2011) também constataram uma correlação entre IE (como fator geral) e violência sexual especificamente ($r= 0,66$). Diante disso, é preciso uma reflexão mais moral sobre a IE e sua utilização na prática, isto é, sobre como o uso dessas habilidades podem ou devem ser utilizados: A princípio, a IE é um conjunto de habilidades voltado para a promoção do bem-estar emocional e social, mas habilidades

de manipulação (e conseqüente coerção, quando em maiores graus) talvez sejam aptidões que também estejam relacionadas ao uso da Inteligência Emocional, uma vez que demandam as competências de percepção, compreensão, regulação emocional e uso da informação emocional para o raciocínio para serem colocadas em prática em situações de manipulação e coerção.

As participantes foram divididas em grupos de agressão psicológica sofrida e praticada para averiguar o terceiro e quarto objetivos, respectivamente. Esse exame mais minucioso da agressão psicológica na amostra é importante devido ao grande número de correlações entre IE e esse tipo de violência no presente estudo, assim como pela alta frequência média dessa prática na amostra.

Os resultados sugerem que participantes que não praticaram nenhuma violência possuem maiores níveis de *compreensão emocional* (transição entre emoções) do que participantes que cometeram agressão psicológica (com ou sem outras formas de violência). Ademais, os resultados indicam que as mulheres que não praticaram violência alguma possuem maiores níveis de *compreensão geral* do que as que praticaram várias formas de violência (inclusive a psicológica) e nível semelhante das que não praticaram violência psicológica. Juntamente das correlações negativas entre compreensão (total e bloco A) com a agressão psicológica sofrida e praticada, esses resultados podem sugerir tanto que uma boa compreensão emocional possa ser fator protetivo na prática e na vitimização de agressão psicológica, quanto que a compreensão emocional pode ser prejudicada pela prática e vitimização da violência psicológica.

Além disso, Ghasemi et al. (2011) observaram uma correlação negativa de IE com violência psicológica ($r = 0,81$) com maior magnitude quando comparada às outras formas de violência. Blasqués-Alonso et al. (2012) também constatou, entre as mulheres da amostra, que cada uma das manifestações de violência psicológica se relacionou negativa

e significativamente com cada um dos fatores da IE analisados por um teste de autorrelato. Esses estudos corroboram os achados da presente pesquisa sobre a associação da agressão psicológica entre parceiros e a inteligência emocional.

Quanto à verificação do quinto e último objetivo específico do estudo, foram feitos testes-t para averiguar se haveria diferenças entre participantes cujos parceiros usaram mais de técnicas de negociação e participantes cujos parceiros usaram mais de táticas violentas como resolução de conflito. Vale lembrar aqui que o mesmo tipo de análise não foi realizado quanto ao comportamento das próprias participantes, pois a maioria delas (93%) usou de “mais negociação”, o que desequilibraria a divisão de grupos entre as participantes. Os resultados indicaram que o grupo cujo parceiro usou mais de táticas de negociação possuem uma média maior em suas repostas nos testes de *regulação emocional* (estratégias ineficazes) e *regulação emocional total* (sem o cálculo de consenso). Essa averiguação reforça estudos que correlacionam o uso de estratégias adequadas de resolução de conflitos e a inteligência emocional (nesses casos, como fator geral) (Novas et al., 2011; Ajaaz & Majeed, 2017; McCarthy, 2006; Zeidner e Kloda, 2012, Animashahum & Oladeni, 2010).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma geral, o presente estudo foi capaz de observar algumas constatações importantes sobre aspectos da inteligência emocional em mulheres que relatam terem sido vitimadas por qualquer tipo de violência por parceiro íntimo, bem como em mulheres que relatam terem praticado alguma forma de violência contra seus parceiros íntimos. Quanto ao perfil de VPI da amostra, observou-se um padrão de maior frequência e gravidade de atitudes violentas praticadas contra as mulheres (com exceção da prática de injúria, que foi maior contra os homens), apesar de mais participantes terem relatado ter praticado

VPI do que sofrido. Já no que diz respeito a IE, os dados obtidos pela BIE e pelo ICE demonstram uma conformidade das médias da amostra em relação a outros estudos. Entretanto, é importante ressaltar mais uma vez as limitações da BIE na presente pesquisa, que envolvem o nível de precisão inadequado do teste de Compreensão Emocional e o erro na coleta do teste de Regulação Emocional, o qual ficou com 1 item a menos do original.

Além disso, o estudo detectou que as facetas referentes à *Regulação Emocional* foram conceituadas de forma semelhante nos testes de autorrelato e de desempenho, contrariando os estudos da área que observam resultados diferentes entre os dois tipos de instrumentos, o que tende a ser esperado por se tratarem de métodos diferentes de avaliação. Estudos futuros devem considerar que a aplicação dos instrumentos ocorreu de forma síncrona e individual com a pesquisadora, o que pode ter contribuído para que não ocorresse essa diferença.

Os achados na análise de correlações e de diferenças de médias entre grupos, também observados nas facetas de Compreensão Emocional e Regulação Emocional, indicaram uma importante associação negativa das habilidades de IE com a prática e com a vitimização de violência por parceiro íntimo, especialmente com a agressão psicológica. Reforçando isso, a regulação emocional também apareceu associada com maior uso de táticas de negociação por parte dos parceiros das participantes. Porém, em contramão, essa faceta, quando calculada por consenso, se mostrou associada positivamente a coerção sexual, uma forma de manipulação – entretanto, esse dado exige cautela para ser interpretado, dadas as limitações da aplicação nesse estudo.

O erro de coleta no teste de Regulação Emocional da BIE já mencionado, bem como o nível de precisão inadequado do teste de Compreensão, soma-se a outras limitações do estudo, como o recrutamento das participantes, bem como a coleta em si,

que foram adaptados para serem realizados de forma online devido ao contexto da Pandemia do COVID-19. Essa situação acabou limitando de certa forma o contato da pesquisadora com as participantes, assim como prejudicou um controle mais eficaz do ambiente de coleta, de forma a diminuir possíveis distrações ou incômodos das participantes. Entretanto, foi a melhor forma encontrada para realizar uma coleta individual e “presencial”, o que é importante devido à delicadeza do tema tratado (violência por parceiro íntimo) com uma população que pode ser sensível a esse tipo de temática, ainda respeitando as regras sanitárias de distanciamento social impostas pela pandemia.

Além disso, o CTS é um instrumento limitado por não investigar o contexto das práticas violentas, apenas a sua frequência. Para futuros estudos, seria importante elaborar entrevistas incluindo uma análise contextual (e.g. como, onde e quando essas práticas acontecem, se os parceiros moram juntos, tempo de relacionamento), bem como uma análise da história prévia de violência dos participantes, dado que este é um fator de risco importante, dentre os inúmeros fatores da complexidade humana associados a práticas violentas.

Apesar das limitações do estudo e das associações significativas da IE com a VPI terem se restringido a menos variáveis, em comparação aos estudos internacionais citados em *Introdução*, a presente pesquisa pode contribuir para a discussão e compreensão tanto do construto da inteligência emocional quanto da violência por parceiros íntimos no Brasil, sendo uma pesquisa pioneira no País a investigar os temas em conjunto. Além disso, esses achados colaboram para a atuação prática do psicólogo, uma vez que as atividades do psicólogo atuam diretamente na emoção e no comportamento, ou seja, nos aspectos abrangidos pelo amplo estudo da Inteligência Emocional. Dado o crescimento da exploração e do entendimento sobre a Inteligência Emocional na Psicologia, estudos

como este podem colaborar para intervenções focadas em práticas violentas e resolução de conflitos.

REFERÊNCIAS

- Alexandra, C.; Figueiredo, B. (2006) Versão portuguesa das “Escala de Táticas de Conflito Revisadas”: estudo de validação. *Psicologia: Teoria e Prática* – 2006, 8(2):14-39
- Alonso-Ferres, M.; Valor-Segura, I.; Exposito, F. (2019). Couple Conflict-facing Responses from a Gender Perspective: Emotional Intelligence as a Differential Pattern. *Psychological Intervention*. Colegio Oficial de la Psicología de Madrid. Vol. 28. Num. 3. - 2019. Pages 147 – 156. DOI: <https://doi.org/10.5093/pi2019a9>
- Ajazaz, T. e Majeed, M. T. (2017). Does Emotional Intelligence Moderates The Effect of Domestic Violence on Women Health Status? A Case Study of District Rawalpind. *Global Development in Humanities, Education and Civilization* (GDHEC 2017).
- Animashahun, R. A. & Oladeni, O. O. (2010). Emotional Intelligence, Conflict Resolution Skills as Correlates of Marital Stability among Couples in Lagos State, Nigeria. *Nigerian Journal of Clinical and Counseling Psychology*. Vol. 16, Issue 1, maio 2010.
- Bar-On, R. (1997). The Emotional Intelligence Inventory (EQ-i): A test of emotional intelligence. Toronto, Canada: Multi-Health Systems.
- Bernaras, E., Garaigordobil, M., De las Cuevas, C. (2011). Inteligencia emocional y rasgos de personalidad. Influencia de la edad y el genero durante la edad adulta y la vejez [Emotional intelligence and personality traits. Influence of age and gender during adulthood and old age]. *Boletín de Psicología*, 103, 75–88.

- Blásquez-Alonso, M. et al.(2012). La inteligencia emocional como factor diferencial para la perpetración de la violencia entre géneros. *Investigación y género. Inseparables en el presente y en el futuro: IV Congreso Universitario Nacional "Investigación y Género"*. ISBN 978-84-954-9987-5, págs. 215-229
- Brackett, M. A., & Mayer, J. D (2003). Convergent, discriminant and incremental validity of competing measures of emotional intelligence. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 29 (9), 1147–1158.
- Brasil (2006). Lei Maria da Penha.. Lei N.º11.340, de 7 de Agosto de 2006.
- Brasil (2015). Lei do feminicídio. Lei N° 13.104, de 9 de março de 2015.
- Brasil (2020). Atlas da violência de 2020. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). Ministério da Economia. DOI: <https://dx.doi.org/10.38116/riatlasdaviolencia2020>
- Brasil (2020). Boletim Epidemiológico. Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. Volume 51, N° 49. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/media/pdf/2020/dezembro/17/boletim_epidemiologico_svs_49.pdf
- Bueno, J. M. H. (2002). *Inteligência emocional: um estudo de validade da capacidade de perceber emoções*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Francisco. Itatiba, SP.
- Bueno, J. M. H.; Correia, F. M. L. & Peixoto, E. M. (no prelo). Propriedades Psicométricas do Inventário de Competências Emocionais - Versão Revisada Breve (ICE-R), Psico-USF.
- Bueno, M., & Oliveira, A. (2017) Bateria de Avaliação da Inteligência Emocional – BAIE.
- Carvalho, L. F., & Ambiel, R. A. M. (2017). Validade e precisão de instrumentos de avaliação psicológica. In M. R. C. Lins & J. C. Borsa (Orgs.), *Avaliação*

psicológica: aspectos teóricos e práticos (pp. 115- 125). Petrópolis: Editora Vozes.

- Casanueva, C., Martin, S. L. & Runyan, D. (2009). Repeated reports for child maltreatment among intimate partner violence victims: Findings from the National Survey for Child and Adolescent Well-Being. *Child Abuse and Neglect*, 33, 84-93.
- Cobêro, C. (2004). *Inteligência emocional: validade do MSCEIT no contexto organizacional*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Francisco. Itatiba, SP.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences* (2. Auflage). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Costa, A. F., & Faria, L. M. S. (2014). Avaliação da inteligência emocional: a relação entre medidas de desempenho e de autorrelato. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(3), 339-346.
- Costa, I. F. (2020). *A relação entre inteligência emocional e mindfulness em estudantes universitários*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 112 pp
- Dantas, M.A. (2004). *Evidências de validade do Mayer Salovey Caruso Emotional Intelligence Test (MSCEIT)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Francisco. Itatiba, SP
- Davies, M., Stankov, L. & Roberts, R. D. (1998). Emotional intelligence: in search of an elusive construct. *Journal of Personality and Social Psychology*, 75 (4), 989-1015.

- Delhom, I.; Gutierrez, M.; Lucas-Molina, B.; Satorres, E. & Meléndez, J. (2018). Personality and emotional intelligence in older adults: a predictive model based on structural equations modeling. *The Journal of Psychology*.
- Diaz, M. (em andamento). BRAVE: Covid-19, social distancing and violence against women in Brazil. Disponível em: <https://jornal.usp.br/?p=381426>
- Fernández-González, L., Calvete, E., Orue, I., Echezarraga, A. (2018) The role of emotional intelligence in the maintenance of adolescent dating violence perpetration. *Personality and Individual Differences*, Volume 127, Pages 68-73.
- Echeverría, H. O. (2018). *Estilo parental, inteligencia emocional y dependencia emocional en mujeres víctimas de violencia conyugal que acuden a un Centro de Salud de Campoy-Lima*. Tese de licenciatura. Universidad César Vallejo. Disponível em: <https://repositorio.ucv.edu.pe/handle/20.500.12692/23326>
- Fernández-González, et al (2018). The role of emotional intelligence in the maintenance of adolescent dating violence perpetration *Personality and Individual Differences*, Volume 127, 2018, Pages 68-73, ISSN 0191-8869, <https://doi.org/10.1016/j.paid.2018.01.038>
- Fonseca, D.; Ribeiro, C.; Leal, N. (2012). Violência doméstica contra a mulher: realidades e representações sociais. *Psicologia & Sociedade*; 24 (2), 307-314.
- Freitas, F. A. (2004). *Inteligência emocional: evidências de validade e precisão do MSCEIT no contexto educacional*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Francisco. Itatiba, SP.
- Freire, M. (2019). La inteligencia emocional y su relación con la violencia de género en parejas. Universidad Internacional SEK. Artículo de Investigación. *Desarrollo y Transformación Social*. Disponível em:

<https://repositorio.uisek.edu.ec/bitstream/123456789/3502/1/inteligencia%20emocional.pdf>

Gadoni, L.; Costa, A. P.; Dell’Aglío, D. (2011). Violência contra a mulher: levantamento dos casos atendidos no setor de psicologia de uma delegacia para a mulher. *Estudos de Psicologia*, 28(2), p. 219-227.

Garcia, L. P.; Silva, G. D. M. (2018). Violência por parceiro íntimo: perfil dos atendimentos em serviços de urgência e emergência nas capitais dos estados brasileiros, 2014. *Cadernos de Saúde Pública*. 34(4).

Garcia, M.; Ribeiro, L.; Jorge, M.; Pereira, G.; Rezende, A. (2008). Caracterização dos casos de violência contra a mulher atendidos em três serviços na cidade de Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. *Cad. Saúde Pública*, 24(11), p. 2551-2563.

Gardner, K., & Qualter, P. (2009). Emotional intelligence and borderline personality disorder. *Personality and Individual Differences*, 47(2), 94-98.

Ghasemi, B.; Sadegh, R.; Gorbanszadeh, V.; Ahmadian, S.; Ebadi, A.; Nagipoor, S.; Ahmadian, N.; Poozeshi, M.; Mirazaei, A.; Asrbar, F. (2012) Emotional intelligence in the victimized pregnant due to domestic violence in Alzahra Hospital of Tabriz. *International Journal of Gynecology & Obstetrics*, Volume 119, Supplement 3, Page S863

Goldenberg, I., Matheson, K., & Mantler, J. (2006). The assessment of emotional intelligence: A comparison of performance-based and self-report methodologies. *Journal of personality assessment*, 86(1), 33-45.

Gomez, K. et al. (2019). *Impacto De La Aplicación De Herramientas De Inteligencia Emocional Sobre La Autoestima Que Presentan Las Víctimas De Violencia De Género*. Dissertação de mestrado. Universidad Internacional SEK. Disponível em:

<https://repositorio.uisek.edu.ec/bitstream/123456789/3502/1/inteligencia%20emocional.pdf>

- Gover, A. (2006) Women likely to be perpetrators of abuse as well as victims. Florida, University of Florida.
- Gower A.; Shlafer R.; Polan, J.; McRee A. L.; McMorris, B.; Pettingell S.; Sieving, R.(2014). Brief report: Associations between adolescent girls' social–emotional intelligence and violence perpetration. *Journal of Adolescence*. Volume 37, Issue 1, Pages 67-71
- Guimarães, M. C.; Pedroza, R. L. S. (2015). Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e jurídicas. *Psicologia & Sociedade*, 27(2), 256-266.
- Hermosilla, I. e Alvarado, J. (2016). *Best Alternatives to Cronbach's Alpha Reliability in Realistic Conditions: Congeneric and Asymmetrical Measurements*. Perspective Article. *Front: Psychol Section: Quantitative Psychology and Measurement*. DOI: <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00769>
- Herreño, P. e Castelblanco, J. (2019). *Inteligencia emocional y personalidad como variables predictoras de la violencia de pareja*. Trabalho de conclusão de curso em Psicologia. Universidad Santo Tomás. Disponível em: <https://repository.usta.edu.co/bitstream/handle/11634/17952/2019paulabaron.pdf?sequence=13&isAllowed=y>
- Instituto Patrícia Galvão (2018) Dossiê Violência contra as Mulheres. [https://dossies.agenciapatriciagalvao.org.br/dados-e-fontes/pesquisa/ligue-180-relatorio-geral-2017-spm-mdh-2018/] Acesso em: setembro de 2019.

- Jaffe, A.E., Simonet, D.V., Tett, R.P. et al (2015) Multidimensional Trait Emotional Intelligence and Aggressive Tendencies in Male Offenders of Domestic Violence. *Journal of Family Violence*, Volume 30, Issue 6, pp 769–781.
- Jesus Jr, A. G. (2004). *Estudo de validade e precisão do Mayer – Salovey – Caruso Emotional Intelligence Test*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Francisco. Itatiba, SP.
- Leahy, R. (2016). *Terapia dos esquemas emocionais: Manual do terapeuta*. Artmed; 1ª edição.
- Lenhard, W. & Lenhard, A. (2016). Calculation of Effect Sizes. Recuperado 25 de janeiro de 2019, de: https://www.psychometrica.de/effect_size.html. Dettelbach (Germany): Psychometrica. <https://doi.org/10.13140/RG.2.1.3478.4245>
- Lindner S.R., Coelho E.B.S., Bolsoni C.C., Rojas P.F., Boing A.F. (2015) Prevalência de violência física por parceiro íntimo em homens e mulheres de Florianópolis, Santa Catarina, Brasil: estudo de base populacional. *Cadernos de Saúde Pública*. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00159913>
- Lira, C. L. O. B. & Bueno, J. M. H. (2020). *Validity evidences for the Emotion Regulation Test*. *Psico-USF*, 25(4), 613-624. doi:10.1590/1413/82712020250402
- Littlejohn, P. (2012) The Missing Link: Using Emotional Intelligence to Reduce Workplace Stress and Workplace Violence in Our Nursing and Other Health Care Professions. *Journal of Professional Nursing*. Volume 28, Issue 6, Pages 360-368
- Lopes, P. N., Brackett, M. A., Nezlek, J., Schutz, I., & Salovey, P. (2004). Emotional intelligence and social interaction. *Personality and Social Psychology Bulletin*.
- Macht, G.; Nembhard, D. A.; Leicht, R. M. (2019). Operationalizing emotional intelligence for team performance. *International Journal of Industrial Ergonomics*. 71 (2019) 57–63.2

- Manita, C. (2005). A intervenção em agressores no contexto de violência doméstica em Portugal. Lisboa, Comissão para Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Martello, A. (2021). Brasil teve 105 mil denúncias de violência contra mulher em 2020; Pandemia é fator, diz Damares Portal G1. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/03/07/brasil-teve-105-mil-denuncias-de-violencia-contra-mulher-em-2020-pandemia-e-fator-diz-damares.ghtml>
- Martinez-Monteguado, M. C.; Inglés, C. J.; Granados, L.; Aparisi, D.; García-Fernandéz, J. M. (2019) Trait emotional intelligence profiles, burnout, anxiety, depression, and stress in secondary education teachers. *Personality and Individual Differences*. 142 (2019) 53–61.
- Mayer, J. D., Salovey, P. (1990). *Emotional Intelligence*. Baywood Publishing Co.
- Mayer, J. D., & Salovey, P. (1997). What is emotional intelligence? Em: P. Salovey & D.J. Sluyter (Orgs.). *Emotional Development and Emotional Intelligence: Implications for Educators* (pp. 3-31). New York, Basic Books.
- Mayer, J. D., Salovey, P., Caruso, R. D., & Sitarenios. (2001). Emotional intelligence as a standard intelligence. *Emotion*, 1 (3), 232-242.
- Mayer, J. D., Salovey, P., Caruso, D., & Sitarenios, (2003). Measuring emotional intelligence with the MSCEIT V 2.0. *Emotion*, 3 (1), 97–105.
- Mayer, J. D., Caruso, D. R., & Salovey, P. (2016). The ability model of emotional intelligence: Principles and updates. *Emotion Review*.
- McCarthy, B. (2006). Does emotional intelligence mediate the relationship between conflict and relationship satisfaction in romantic relationships. Trabalho de conclusão de curso. Swinburne University. Disponível em:

<https://researchbank.swinburne.edu.au/file/6c4e8bc4-9d1c-46cc-a65d-a62519b59543/1/Breeanna%20McCarthy%20Thesis.pdf>

- Miao, C.; Humphrey, R. H.; Qian, S. (2017) A meta-analysis of emotional intelligence and work attitudes. *Journal of Occupational and Organizational Psychology* (2017), 90, 177–202.
- Miguel, F. K. (2006). *Evidências de validade para o teste de inteligência emocional MSCEIT em relação ao stress*. Dissertação de Mestrado. Programa de PósGraduação em Psicologia, Universidade São Francisco. Itatiba, SP.
- Miguel, F. K. (2015). Psicologia das emoções: uma proposta integrativa para compreender a expressão emocional. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 20, n. 1, p. 153-162, jan./abr. 2015
- Monteiro, N., Balogun, S. (2015). Psychosocial Predictors of Relationship Conflict Styles as Mediated by Emotional Intelligence: A Study of Botswana Adults. DOI: <https://doi.org/10.1177/2158244015587558>
- Muniz, M., & Primi, R. (2007) Inteligência emocional e desempenho em policiais militares: validade de critério do MSCEIT. *Aletheia*, n.25, p.66-81.
- Nagae, W. (2021) *A relação da inteligência emocional com os traços patológicos de personalidade*. Trabalho de conclusão de curso. Centro de Educação e Ciências Humanas – CECH. Psicologia. URI: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/15191>
- Nascimento, M. M. (2004) *Inteligência emocional e stress em guardas-municipais*. Trabalho de conclusão de curso. Programa de Graduação em Psicologia, Universidade São Francisco. Itatiba, SP.2
- Novas, P, San Martín García, P., Ortiz, J. & Pilar, M. P. (2011). Inteligencia emocional, celos, tendencia al abuso y estrategias de resolución de conflicto en la pareja.

Escritos de Psicología (Internet), 4(1), 34-43.

http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1989-8092011000100005&lng=es&tlng=es.

Nunes, L. (2009) Crimes e comportamentos criminosos. Porto, Universidade de Fernando Pessoa.

Organização Mundial da Saúde (OMS), 2016. Violence against women: Intimate partner and sexual violence against women. Disponível em: <https://bit.ly/2I80Yuj>

Petrides, K. V., & Furnham, A. (2001). Trait emotional intelligence: Psychometric investigation with reference to established trait taxonomies. *European Journal of Personality*, 15, 425-448.

Porche, D. (2016) Emotional Intelligence: A Violence Strategy. *American Journal of Men's Health*. Volume: 10 issue: 4, page(s): 261-261

Primi, R., Bueno, J. M. H., & Muniz, M. (2006). Inteligência emocional: validade convergente e discriminante do MSCEIT com a BPR-5 e o 16PF. *Psicologia Ciência e Profissão*, 26 (1), p. 26-45.

Ratliff, T. (2017). An Exploration of emotional intelligence in victim-survivors of Intimate Partner Violence. Doctoral dissertation. College of Social and Behavioral Sciences. Walden University.

Rodrigues, M. (2016). *Inteligência emocional e atitudes face à violência psicológica no namoro em adolescentes*. Dissertação de mestrado. Universidade de Porto. Disponível em: <http://repositorio.uportu.pt/xmlui/handle/11328/1667>

Resolução CFP nº 009/2018. (2018). Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia. Recuperado em <http://satepsi.cfp.org.br/docs/Resolu%C3%A7%C3%A3o-CFP-n%C2%BA-09-2018-com-anexo.pdf>

- Roberts, R. D.; Zeidner, M., & Matthews, G. (2001). Does emotional intelligence meet traditional standards for an intelligence? Some new data and conclusions. *Emotions*, 1 (3), 196-231.
- Schelegel, K.; Mehu, M.; van Peer, J.; Scherer, K. (2018). Sense and sensibility: The role of cognitive and emotional intelligence in negotiation. *Journal of Research in Personality*. 74 (2018) 6–15
- Shead, J., Scott, H., & Rose, J. (2016). Investigating predictors and moderators of burnout in staff working in services for people with intellectual disabilities: the role of emotional intelligence, exposure to violence, and self-efficacy. *International Journal of Developmental Disabilities*, 62(4), 224–233.
- Silva, A.; Azeredo, C. (2019) The association between victimization resulting from intimate partner violence and depression among Brazilian adults. *Ciência & Saúde Coletiva* (Vol. 24, Issue 7). Editora: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva. DOI: <http://dx-doi.ez31.periodicos.capes.gov.br/10.1590/1413-81232018247.25002017>
- Silva, J. (2012). As competências emocionais em mulheres vítimas de violência conjugal. Dissertação de mestrado. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais. Universidade Fernando Pessoa.
- Smith SG, Zhang X, Basile KC, Merrick MT, Wang J, Kresnow M-J, et al. (2018). The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey (NISVS): 2015 Data Brief – Updated Release. Atlanta, Georgia: National Center for Injury Prevention and Control, Centers for Disease Control and Prevention.
- Stolarski, M. et al. (2011). Emotional intelligence and conflict resolution strategies in romantic heterosexual couples. *Personality and Individual Differences* 54 (2013) 278–283.

- Straus, M. et al. (1996) *The Revised Conflict Tactics Scales (CTS2): Development and Preliminary Psychometric Data*. *Journal of Family Issues* 17(3):283-316. DOI:10.1177/019251396017003001
- Tsirigotis, L.; Łuczak, J. (2015). Emotional Intelligence of women who experience domestic violence. *Psychiatr Q*, 87, p. 165–176
- Van der Linden, D.; Pekaar, K.; Bakker, A.; Schermer, J. A.; Vernon, P. A.; Dunkel, C. S.; Petrides, K. V. (2017) Overlap between the general factor of personality and emotional intelligence: a meta-analysis. *Psychological Bulletin*. Vol. 143, No. 1, 36–52
- Valente, J.; Rodrigues, A. (2021). Violência contra mulheres cresce em 20% das cidades durante a pandemia. Agência Brasil. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-08/violencia-contra-mulheres-cresce-em-20-das-cidades-durante-pandemia>
- Von Hohendorff, J. (2014) *Manual de Produção Científica*. Penso Editora, Porto Alegre. Cap. 2: Como escrever um artigo de revisão sistemática (p. 55 – 70)
- Warmling, D.; Lindner, S.; Coelho, E. (2017). Intimate partner violence prevalence in the elderly and associated factors: systematic review. *Ciênc. saúde colet.* 22 (9) <https://doi.org/10.1590/1413-81232017229.12312017>.
- Whitney, Z. (2019). *Inteligência emocional y violencia en la pareja en jóvenes pertenecientes a la policia de Chiclayo*. Trabalho de conclusão de curso em licenciatura em Psicologia. Disponível em: <https://repositorio.uss.edu.pe/handle/20.500.12802/6203>
- Williams, L. (2008). *Uma vida sem violência*. Mod. 1. Projeto Parceria. Laboratório de Análise e Prevenção da Violência. Universidade Federal de São Carlos.

Williamns, L.; Santini, P.; D’Affonseca, S. (2014). The Parceria Project: A brazilian parenting program to mothers with a history of intimate partner violence.

International Journal of Applied Psychology, 4(3): 101-107

ANEXO

Anexo A – Panfleto informativo para as participantes

O que fazer em caso de violência de gênero?

Está em situação de risco?

Ligue 190 (Polícia Militar) ou 180 (Atendimento à mulher)



Em caso de agressão física ou sexual: É urgente?

Se **SIM**, procure uma UPA, um Pronto-Socorro ou a Santa Casa

Se **NÃO**, procure uma UBS.

Houve estupro ou atentado violento ao pudor?

Procure a Santa Casa para profilaxia de IST e gravidez, solicitação de BO e exame de corpo de delito, de preferência em **menos de 72 horas**.



Procure a **Delegacia de Defesa da Mulher** (horário comercial) ou a **Delegacia de Polícia Civil** (24h) para registrar um Boletim de Ocorrência.

Se houve violência física ou sexual, é necessário um exame de **corpo de delito**.

Para orientações e encaminhamentos jurídicos, busque um serviço de **advocacia** ou a **Defensoria Pública**.